

**RAIMUNDO TAVARES LOPES**

*A Expressão da Cabo-verdianidade na Obra musical de Beto Dias*

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

**UNICV 2009**

**RAIMUNDO TAVARES LOPES**

*A Expressão da Cabo-verdianidade na Obra musical de Beto Dias*

Trabalho Científico apresentado na UNICV para obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, sob orientação do Prof. Doutor António Germano Lima.

O Júri,

---

---

---

Praia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

UniCV 2009

## **À Memória da Minha Saudosa Mãe**

Que, mesmo sendo analfabeta, me ensinou a  
primeira gramática da cabo-verdianidade

Nu tene-l na kurason  
Dja nu tene-l na nos sangi  
Nu grava-l na nos mimoria  
Ma nos tudu é kriolu  
Xeiú di orgulhu  
Di nu ser kabuverdianu

*Beto Dias*

## **Agradecimentos**

Gostaria de manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a efectivação deste trabalho, em particular:

- ✓ ao meu orientador, Prof. Doutor António Germano Lima, pelas suas sábias orientações e pela disponibilidade que demonstrou ao longo da realização do trabalho;
- ✓ à minha família, meu pai, meus irmãos, em especial, minha irmã Celestina Lopes, pelos seus prestigiosos apoios;
- ✓ a todos os professores da UniCV com quem trabalhei ao longo desses cinco anos e, em especial, Dra. Flávia Ba, Dr. Emanuel de Pina, pela correcção linguística, tanto do português como do cabo-verdiano, respectivamente. Dr. Etelvino Garcia, Dra. Fátima Fernandes, Dra. Salomé Miranda e Dra. Arminda Brito pelas palavras e troca de ideias;
- ✓ a todos os meus colegas do curso ECVP – 2004/05 a 2008/09, pelo espírito de camaradagem que tivemos durante o curso;
- ✓ aos entrevistados que disponibilizaram os seus preciosos conhecimentos e tempos;
- ✓ ao Francisco Carvalho e a todos aqueles que disponibilizaram os seus documentos que serviram de suporte a este trabalho.

A todos, o meu reconhecimento e a minha profunda gratidão. Bem hajam!

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	8
Identificação e justificação do tema .....	8
Pergunta de partida e hipóteses .....	9
Objectivos: .....	9
Metodologia .....	10
Estrutura do trabalho .....	10
CAPÍTULO I – CONCEITOS TEÓRICOS .....	12
1.1 Música .....	12
1.2 Cultura .....	14
1.3 Identidade .....	15
1.4 Cabo-verdianidade .....	16
CAPÍTULO II - O PERCURSO IDENTITÁRIO DE BETO DIAS .....	18
2.1 Da Ribeira da Prata à Holanda .....	18
2.2 Ribeira da Prata: o berço de Beto Dias .....	20
2.2.1 O espaço da sua infância: Ribeira da Prata.....	20
2.3 Discografia de Beto Dias.....	23
2.4 Beto Dias: O olhar do compositor.....	24
2.4.1 O «rito iniciático» do compositor .....	24
2.4.2 A influência .....	25
2.4.3 Motivo das mensagens.....	26
2.4.4 Beto Dias em interface com a escrita das composições .....	26
2.4.5 A valorização do compositor.....	29
2.5 Relação de Beto Dias com Cabo Verde a partir da diáspora .....	30

<b>CAPÍTULO III – A EXPRESSÃO DA CABO-VERDIANIDADE NAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE BETO DIAS .....</b>	<b>36</b>
3.1 Análise de algumas composições musicais de Beto Dias: .....	36
3.1.1 Nhu Santu Amaru – A festa tradicional.....	36
3.1.2 Speransa (Txuba) – Esperança e vida: sobrevivência do homem das ribeiras e ladeiras das ilhas .....	40
3.1.3 Sodadi – O sentimento saudade.....	42
3.1.4 Mamai – Papel da Mãe Crioula na sociedade cabo-verdiana.....	45
3.1.5 Euroverdiana - O sentimentos dos filhos dos emigrantes cabo-verdianos .....	48
3.2. Características do estilo de Beto Dias .....	51
3.3 A língua cabo-verdiana como expressão da cabo-verdianidade nas composições de Beto Dias.....	53
3.4 Depoimentos de cabo-verdianos sobre a expressão da cabo-verdianidade nas composições musicais de Beto Dias .....	56
3.4.1 Adalberto Higino Tavares Silva .....	56
3.4.2 Maria Salomé Miranda .....	57
3.4.3 Guilherme Filomeno Rodrigues Pinto Osório.....	57
3.4.4 Carlos Sousa .....	58
3.4.5 Manuel Veiga .....	58
3.4.6 Daniel Spínola .....	59
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>
<b>LISTA DOS ENTREVISTADOS: .....</b>	<b>66</b>



## INTRODUÇÃO

### Identificação e justificação do tema

Para a realização deste trabalho monográfico, propôs-se um tema na área da Cultura Cabo-verdiana, sob o título, *A Expressão da Cabo-verdianidade na Obra Musical de Beto Dias*.

O que se almeja trabalhar neste estudo monográfico é a mensagem transmitida nas composições musicais de Beto Dias e a sua relevância para a compreensão da cabo-verdianidade e não a querela à volta dos contornos da música nacional, em toda a sua abrangência e pertinência, ou seja, não se discute no presente os ritmos, as melodias, as influências e os géneros musicais subjacentes à questão.

Com efeito, o compositor e intérprete, Beto Dias produziu uma vasta obra musical através de inúmeras composições, por si próprio interpretadas em vários discos, onde trata temas do quotidiano cabo-verdiano. Entretanto, ninguém se debruçou ainda sobre a referida obra com o fim de identificar na mesma a expressão da alma crioula e da cabo-verdianidade, elementos psicossociais importantes para a compreensão do sócio-cultural cabo-verdiano.

Assim, as motivações para a realização deste trabalho resultaram não só do facto de Beto Dias ser compositor e intérprete de canções, que retratam a realidade sócio-cultural cabo-verdiana, mas também da vontade de conhecer e estudar um compositor cuja obra retrata a função psicossocial da música, recorrendo-se ao diálogo entre a cultura e a sociedade. Por outro lado, motiva o desejo de valorizar um compositor que, à semelhança de outros, vê as suas obras cantadas e dançadas por todas as camadas sociais, enquanto o trabalho do compositor, na maioria das vezes, não é reconhecido e devidamente valorizado.

Deste modo, pretende-se demonstrar que Beto Dias consegue reconstruir, através das suas composições musicais, a realidade sócio-cultural do arquipélago. Por isso, a sua faceta de compositor pode ajudar a compreender a cultura das ilhas, fornecendo subsídios para a compreensão da cabo-verdianidade, logo, os elementos caracterizadores da nossa identidade como povo e como nação.

## Pergunta de partida e hipóteses

Na linha das motivações que orientam a realização deste trabalho, questiona-se quais os elementos na obra musical de Beto Dias que expressam o sócio-cultural cabo-verdiano? Nesta perspectiva, como se identifica a cabo-verdianidade na obra musical de Beto Dias?

Para responder a estas questões, formulam-se as seguintes hipóteses: Beto Dias aborda nas suas composições traços e elementos sócio-culturais que ganharam expressões tipicamente cabo-verdianas; Beto Dias consegue reconstruir, nas suas composições musicais, traços do quotidiano e da vivência do povo de Cabo Verde, através dos quais podemos reconhecer a expressão da identidade cultural cabo-verdiana.

## Objectivos:

### Geral

Entender a obra musical de Beto Dias no quadro do quotidiano cabo-verdiano, destacando a sua contribuição para a consolidação da cabo-verdianidade.

### Específicos

Interpretar a festa tradicional de Santo Amaro como expressão cultural na composição *Nhu Santo Amaro*;

Interpretar a simbologia da chuva como esperança e modo de sobrevivência do povo de Cabo Verde na composição *speransa (txuba)*;

Analisar a saudade como um sentimento característico do devir crioulo na composição *sodadi*;

Explicar o papel da “Mãe Crioula” no quotidiano do arquipélago na composição *mamai*;

Explicar a problemática da emigração da segunda geração dos emigrantes na composição *euroverdiana*;

Perceber a língua cabo-verdiana como expressão da cabo-verdianidade nas composições de Beto Dias.

## **Metodologia**

Em termos metodológicos, para a execução deste trabalho, realizou-se pesquisa bibliográfica, com a finalidade de obter bases teóricas sólidas que serviram de suporte para a construção do mesmo; entrevistou-se o compositor em estudo, para melhor conhecê-lo e, consequentemente, estudá-lo; recolheram-se testemunhos de individualidades entendidas no assunto relacionado com o tema em estudo, que deram contribuições para a realização do trabalho; registou-se em suporte digital as composições de Beto Dias seleccionadas para a análise do objecto de estudo.

Na transcrição das letras dessas composições que serviram de *corpus* para a análise, uniformizou-se a escrita dessas composições, com recurso ao Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano (ALUPEC), visto que não se encontram disponíveis a versão escrita de todas as composições musicais. Deste modo, não se pode apresentar a versão da escrita do autor, mas sim, apenas a versão do cabo-verdiano e a respectiva tradução no português.

O *corpus* deste estudo é constituído pelas seguintes composições musicais: *Sufri Kaladu*, *Nos Paraizu*, *Santu Amaru*, *Sperança (txuba)*, *Sodadi*, *Mamai* e *Euroverdiana*. Considera-se que este *corpus* espelha, de modo específico, a realidade cultural de Cabo Verde.

## **Estrutura do trabalho**

O trabalho encontra-se estruturado em diferentes capítulos como se descreve abaixo:

Introdução – este momento introdutório desta pesquisa apresenta o tema e dá a conhecer as razões pelas quais se escolheu este para se iniciar na pesquisa científica. Abarca ainda as perguntas de partida, as hipóteses formuladas, os objectivos que se definiram bem como os aspectos metodológicos.

Capítulo I – de grande relevância, apresenta o aparelho teórico que sustenta o trabalho a partir dos conceitos de música, cultura, identidade e cabo-verdianidade.

Capítulo II – intenta acompanhar o objecto de estudo no seu trajecto de vida e musical, desde a sua infância à actualidade, passando, forçosamente, pelo seu espaço de origem.

Capítulo III – pretende-se analisar, no quadro da realidade cultural cabo-verdiana, as composições musicais de Beto Dias, que formam o *corpus* do trabalho, na linha dos objectivos traçados.

Conclusão – procura-se apresentar as considerações finais decorrentes da pesquisa efectuada, tendo em consideração os aspectos apresentados no intróito do trabalho.

Bibliografia - reúne a bibliografia que serviu de suporte bibliográfico ao trabalho.

Para a execução deste trabalho, confrontou-se com inúmeras dificuldades, desde a escassez da bibliografia até a não adesão das pessoas que estudam o fenómeno da música em Cabo Verde.

Efectivamente, a carência da bibliografia relacionada com os assuntos trabalhados neste estudo é gritante. Pesquisou-se nos principais arquivo, centros e bibliotecas nacional e universitária, porém demonstraram uma pobreza extrema relativamente ao acervo bibliográfico na área em estudo.

Para além de a escassez da bibliografia e para dificultar ainda mais a produção deste trabalho, deparou-se com a resistência de várias individualidades que estudam o fenómeno musical no país. Essas pessoas não quiseram dar o seu contributo porque, segundo eles, o objecto de estudo deste trabalho, Beto Dias, não faz parte nem das suas audições musicais, quanto mais dos seus objectos de estudo. Por isso, quase ninguém se disponibilizou em contribuir para a realização do mesmo e, na maioria das vezes, questionou-se se não havia nenhum outro tema e/ou objecto no quadro da cultura cabo-verdiana que fosse mais interessante estudar. Mas, é pena haver pessoas escolarizadas e com responsabilidades no meio sócio-cultural de Cabo Verde com pensamentos retrógrados.

Na sequência do exposto, fica aqui uma questão para a reflexão: que futuro para a investigação científica, que tanto se fala e se discute, num país como Cabo Verde que não possui nas suas grandes bibliotecas nacional e universitária um acervo bibliográfico de referência sócio-cultural cabo-verdiano, em quantidade e em qualidade desejadas?

## CAPÍTULO I – CONCEITOS TEÓRICOS

A produção deste trabalho, baseia-se essencialmente nos conceitos que se consideram suportes teóricos necessários para a sua sustentação, designadamente *música, cultura, identidade e cabo-verdianidade*.

### 1.1 Música

Para Oling & Wallisch, a música equivale “a um conjunto de sons físicos, organizados de modo a que o objectivo último – criar um efeito específico – seja atingido através de gesto e movimentos”.<sup>1</sup> Deste modo, de acordo com Monteiro, “mais do que uma simples estrutura sonora, o conceito de música implica o de cultura que, por seu turno, envolve as estruturas sonoras como portadoras de cultura.”<sup>2</sup>

Nesse quadro, na entrevista que se fez ao poeta, ficcionista e artista plástico, Daniel Spínola, defende que “a música é uma das bases da identidade cabo-verdiana porque ela representa a essência da idiossincrasia do cabo-verdiano”. Acrescenta, ainda, “que é o factor da nossa identidade porque através da nossa música somos conhecidos e reconhecidos pelos outros, ou seja, através dela somos identificados culturalmente como cabo-verdianos.”<sup>3</sup> Na mesma linha de ideia, Doutor Manuel Veiga, Ministro da Cultura de Cabo Verde e estudioso da Língua e Cultura cabo-verdiana, afirma que “a música é, juntamente com a língua cabo-verdiana, um dos elementos mais representativos da nossa cultura e que corporiza parte significativa da nossa singularidade, promove o rosto e a alma do nosso povo, tanto dentro como fora do País”.<sup>4</sup> Assim, a música constitui o factor identitário da nação cabo-verdiana, juntamente com a língua do quotidiano das ilhas – a língua materna.

---

<sup>1</sup> OLING & WALLISCH *apud* MONTEIRO, César Augusto. «Algumas Dimensões da Expressão Musical Cabo-verdiana na Área Metropolitana de Lisboa». GÓIS, Pedro (org.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Emigração Cabo-verdiana*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008, pp – 127.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Daniel SPÍNOLA, conhecido por Danny Spínola, poeta, ficcionista, artista plástico. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, no dia 21 de Abril de 2009.

<sup>4</sup> Manuel VEIGA, Ministro da Cultura de Cabo Verde, Estudioso da cultura cabo-verdiana. Informações cedidas ao autor do trabalho, através do endereço electrónico, no dia 20 de Abril de 2009.

A música de Cabo Verde teve origem nos primórdios do povoamento das ilhas, com povos que foram desenraizados dos seus habitats naturais e, conseqüentemente, das suas culturas. Sentiram necessidade de recuperar e reelaborar as suas manifestações culturais de acordo com as exigências da época.

Assim, em Cabo Verde surgiram vários géneros musicais estribados tanto na cultura do branco como na do negro, que se transformaram com o passar do tempo. Deste modo e segundo Carlos Gonçalves, há vários géneros musicais em Cabo Verde. Porém, pretende-se apresentar um breve historial dos principais géneros musicais cultivados em Cabo Verde, como o batuco, a morna, o funaná e a coladeira.

Para Gonçalves,<sup>5</sup> embora não haja dados históricos ou musicológicos que possam comprovar, pode-se considerar o batuco como uma das primeiras formas musicais a surgir em Cabo Verde, devido às suas características puramente africanas. Entretanto, o batuco sofreu alterações ao longo dos tempos até chegar às suas formas actuais. É um género que ganhou expressão nacional e internacional, estando presente nas comunidades emigradas de Cabo Verde. É um género que já foi experimentado por Beto Dias, não nos seus discos mas nos discos dos grupos *Pó di Tera* e *Cultura Esperança*; por seu lado, segundo a tradição, a morna nasceu na Boa Vista, por volta do século XVIII. Esta tese é também corroborada por Eugénio Tavares. Muito recentemente Dias aventurou-se por este género musical, com a participação no disco de Antero Simas; apoiando-se em Gonçalves, a origem do género funaná explica-se de seguinte modo: há pessoas que defendem a ideia de que a importação de acordeões por uma casa comercial, no início do século XX, teria contribuído para a difusão e popularização da gaita e há pessoas que defendem que a designação deste género surgiu devido ao nome de dois notáveis tocadores “Funa” e “Naná”; da união destas duas palavras surgiu o termo funaná para designar este género musical. O mesmo começou a ter maior visibilidade com a sua estilização a partir de 1980. Este género é uma das especialidades de Beto Dias. Em todos os seus discos, ele trabalha de modo singular. A título de exemplo, ele imortaliza o funaná nas composições *Matxikadu*, *Mondon*, *Sarabudja*, *Nhu Santo Amaro*, *Nhu Fifi*; e, por último, a coladeira que é um género considerado mais recente do que os outros, tendo, segundo as leituras feitas, o seu processo de formação concluído na década de 1950.

---

<sup>5</sup> GONÇALVES, Carlos Filipe. *Kab Verd Band*, Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006, pp - 9.

No entanto, a coladeira e o funaná sofreram transformações com o aparecimento de novos instrumentos e tecnologias na área musical. Os jovens cabo-verdianos residentes na Holanda e França transformaram estes géneros num novo estilo denominado de “nova música”, dando-lhes uma nova sonoridade, devido à introdução de instrumentos electro-acústicos. Desta transformação surgiu um novo género, ora designado *Colazouk*, ora *Cabozouck* e, mais recentemente, *Zouklove*. Com este novo estilo, “nova música”, surge Beto Dias, primeiro com o grupo *Rabelados* e posteriormente a solo.

## 1.2 Cultura

Das várias leituras feitas sobre cultura, há uma certa dificuldade em defini-la com precisão, devido à sua abrangência é de difícil delimitação e descrição.

Não obstante as dificuldades de definição do conceito de cultura há inúmeras propostas de definição da mesma. De entre elas, opta-se pela de Edward Tylor, por se considerar, de acordo com a bibliografia que se tem vindo a analisar, a mais consistente. Com efeito, apesar de datar de 1871, continua sendo citada com frequência pelo seu carácter actual. Neste sentido, Tylor define cultura como “a totalidade complexa que compreende os conhecimentos, as crenças, as artes, as leis, a moral, os costumes e todo e qualquer outro hábito, ou capacidade, adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade”.<sup>6</sup>

Para uma base teórica mais sólida, apresenta-se, igualmente, a proposta de Guy Rocher, que segundo as pesquisas feitas, foi inspirada na proposta de Tylor, que se entende complementar à proposta *supra*. Rocher define a cultura como:

[...] um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizados que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, duma maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular distinta.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> TYLOR citado por WARNIER, Jean-Pierre. *A Mundialização da Cultura*. 2ª ed.. Trad. Luís Filipe Sarmiento Lisboa: Editorial Notícias, 2002, pp - 9.

<sup>7</sup> ROCHER, Guy *apud* ANDRADE, Elisa. «Cabo Verde: Povo, Cultura, Identidade Cultural». *Cultura – Revista de Investigação Cultural e de Pensamento*. Nº1, 1997, pp – 8.

Uma outra definição da cultura que se considera também consensual é, segundo Lopes Filho, aquela apresentada na Declaração do México, por ocasião de Mondialcult, em 1982, em que cultura é considerada como «o conjunto dos traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, englobando as artes, as letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.»<sup>8</sup> Com estas definições, infere-se que o conceito de cultura engloba o ser humano nas suas múltiplas dimensões, abarcando o modo de pensar, de sentir, de agir, de crer, de ver.

### 1.3 Identidade

O conceito de identidade conheceu inúmeras definições e reinterpretações devido à sua pertinência para as ciências sociais. Na perspectiva de Warnier, a identidade define-se “como um conjunto de repertório de acção, de língua e de cultura que permitem a um indivíduo reconhecer a sua dependência de um certo grupo social e de se identificar com ele”.<sup>9</sup>

Por seu turno e na mesma linha de ideia, António Perotti debruça-se sobre a identidade, nos seguintes termos: “a maneira como os indivíduos e os grupos se revêem e se definem nas suas semelhanças e diferenças relativamente a outros indivíduos e grupos”.<sup>10</sup>

Já João Lopes Filho entende que a identidade é construída por meio de uma relação de cumplicidade com os lugares, testemunhos, acções, memórias e outros elementos com os quais nos identificamos<sup>11</sup>. Sendo assim, de acordo com Mesquitela Lima, não restam dúvidas de que “o cabo-verdiano tem uma identidade cultural própria, cujas raízes estão à vista neste quotidiano exuberante, que é significativo em todos os patamares do seu sistema sócio-cultural”<sup>12</sup>

<sup>8</sup> LOPES FILHO, João, *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*, Praia: Instituto Superior de Educação, 2003, pp – 15.

<sup>9</sup> WARNIER, Jean-Pierre. *A Mundialização da Cultura*. 2ª ed.. Trad., Luís Filipe Sarmento. Lisboa: Editorial Notícias, 2002, pp – 12.

<sup>10</sup> PEROTTI, António *apud* BRITO-SEMEDO, Manuel. *A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006, pp – 28.

<sup>11</sup> LOPES FILHO, João, 2003, Op. cit., pp – 35.

<sup>12</sup> LIMA, Mesquitela *apud* LOPES FILHO, João. 2003, Ibidem.



## 1.4 Cabo-verdianidade

A cabo-verdianidade, por ser um conceito abrangente e complexo, que condensa nele a expressão da alma crioula e o todo cultural cabo-verdiano, decide-se expor sobre o referido conceito diversas reflexões.

Assim de acordo com Hopffer Almada,

Se é difícil determinar com precisão o que seja o carácter nacional de um povo, dadas as diversidades intraterritoriais, a verdade, porém, é que algo consegue fazer com que pessoas de um mesmo país se sintam pertencer a um mesmo espaço. No caso cabo-verdiano, esse sentimento de unidade e de pertença é traduzido na ideia e no conceito de caboverdianidade. Ideia e conceito de difícil definição, mesmo que, para os cabo-verdianos, condensa a morabeza, o ser ilhéu, o ser crioulo, o ter uma identidade própria capaz de os diferenciar de tudo e de todos.<sup>13</sup>

Na sequência, Veiga reforça o pensamento de Almada atrás referido, afirmando que “se trata de uma ideia, de um conceito, em que o definido dificilmente pode caber na definição”.<sup>14</sup> Mais à frente acrescenta: “cremos ser pertinente essa visão da «caboverdianidade». Pertinente porque ela encerra o ser e o estar do nosso povo, mas também o seu devir”.<sup>15</sup>

Por seu lado, Luís Almada afirma que “as populações cabo-verdianas caracterizam-se, no plano cultural, pela comunhão dos mesmos valores, os quais se sedimentam uma idêntica idiossincrasia e um comum lastro cultural, aos quais se convencionou denominar de caboverdianidade”.<sup>16</sup> O mesmo autor sustenta ainda que a expressão da cabo-verdianidade “(...) evidencia-se em todos os domínios da cultura material e espiritual do nosso povo, sendo a sua manifestação mais visível a língua cabo-verdiana, falada e vivenciada por todos os nossos

<sup>13</sup> ALMADA, David Hopffer. *Caboverdianidade e Tropicalismo*. Recife: Editora Massungana, 1992, pp - 67

<sup>14</sup> VEIGA, Manuel. «Caboverdianidade versus Alteridade». *Fragmentos – Revista de Letras, Artes e Cultura*. Nº 11/15, 1997, pp – 43.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> ALMADA, José Luís Hopffer C.. «Homogeneidade e Heterogeneidade da Caboverdianidade». *Fragmentos – Revista de Letras, Artes e Cultura*. Nº 11/15, 1997, pp – 28.

concidadãos”,<sup>17</sup> concluindo que os cabo-verdianos são portadores de “uma comum identidade cultural, nacional na sua essência, e homogênea nos seus traços essenciais”.<sup>18</sup>

Pode então dizer-se que os conceitos de cabo-verdianidade, apresentados acima, estão inter-relacionados e que todos vão ao encontro daquilo que é mais peculiar e genuíno de Cabo Verde, daquilo que Eugénio Tavares designou de “Cabo Verde profundo e vernáculo”.<sup>19</sup>

Em suma, a cabo-verdianidade resume-se naquilo que Cabo Verde possui de mais vernáculo, ou seja, a essência e a expressão da alma do seu povo, nas suas múltiplas dimensões. Sendo assim, a cabo-verdianidade é uma forma de identificação do cabo-verdiano com o Mundo, ou seja, é a sua raiz mais profunda. Enfim, entende-se que ela é a síntese e a consequência da simbiose entre o telúrico, o húmus e o umbigo do cabo-verdiano que fertiliza a identidade do povo das ilhas, cimentando, assim, a ligação do crioulo com a sua terra-mãe.

É, pois, com base no que foi exposto, que se emprega o conceito de cabo-verdianidade para elucidar o caso específico da cultura cabo-verdiana, isto é, cabo-verdianidade no sentido de identidade própria capaz de diferenciar cabo-verdianos de tudo e de todos, além de constituir um conjunto de especificidades que não se confunde com nenhum outro e que, por isso, ela é singular e una.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> LIMA, António Germano. «EUGÉNIO TAVARES: contribuição para a investigação histórico-cultural da sociedade cabo-verdiana». *Revista Científica*. Praia: Cni-UniCV, N° 3/4, 2006, pp- 77.

## CAPÍTULO II - O PERCURSO IDENTITÁRIO DE BETO DIAS

Com o objectivo de compreender a construção do percurso identitário de Beto Dias, propôs-se acompanhar o compositor, na sua trajectória de vida e discográfica, através do modo como vive e sente Cabo Verde, para melhor entender a cabo-verdianidade na sua obra musical. Neste sentido, os subtemas trabalhados neste capítulo são condições indispensáveis para a compreensão da cabo-verdianidade na obra musical de Beto Dias.

### 2.1 Da Ribeira da Prata à Holanda

Alberto da Veiga Dias<sup>20</sup> é natural da Ribeira da Prata, concelho do Tarrafal, ilha de Santiago, Cabo Verde. Filho de Jaime Sanches Dias, ex-emigrante na Holanda e, actualmente, reformado da petrolífera Shell Holanda, residente na Ribeira da Prata e de Itelvina da Veiga, doméstica, moradora em Ribeira da Prata, Tarrafal. Viveu em Ribeira da Prata, Tarrafal, até aos catorze anos de idade, onde fez as coisas que todos os meninos dessa idade faziam: ir à escola, jogar à bola, ir à praia, porque ele mora em Ribeira da Prata onde tem uma praia lindíssima, com areia preta, mas que para ele, é, até hoje, simplesmente o seu paraíso.



Foto 1 – Beto Dias. Extraído do sítio [www.betodias.net](http://www.betodias.net)

Beto Dias estudou em Cabo Verde até ao segundo ano do antigo Ciclo Preparatório. Posteriormente, foi para Holanda, onde deu continuidade aos seus estudos. Primeiro, estudou a língua holandesa e depois estudou na Escola Técnica, onde conseguiu obter o seu diploma de técnico-profissional na área de mecânica. Na Holanda, Beto Dias estudou e trabalhou em simultâneo, como ele mesmo relata:

Trabalhei e estudei ao mesmo tempo. Eu estudava na escola técnica mas parei por dois anos, onde trabalhei. Passado esse tempo dei continuidade aos meus

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.

estudos, onde fiz o curso de técnico profissional na área da mecânica, que teve a duração de três anos e meio, onde consegui o meu diploma.<sup>21</sup>

Antes de ir trabalhar na sua área de formação profissional, Dias trabalhou em outras áreas, designadamente na limpeza e, posteriormente, na mudança de materiais de escritório dos bancos.

A ida de Beto Dias para a Holanda, como ele testemunha, foi contra a sua vontade e foi algo que o marcou, visto que teve de deixar para trás pessoas e coisas que na altura eram a sua vida:

O meu pai levou-me para a Holanda mas eu não queria ir, não era o meu desejo. Naquele momento foi bastante difícil porque eu era muito apegado à minha mãe e aos meus irmãos, daí que a separação tenha sido muito difícil; levei algum tempo para me acostumar. Deixei muitos amigos de infância, o meu irmão, a minha irmã, os momentos de infância, as brincadeiras, as rotinas do dia-a-dia em Ribeira da Prata, ou seja, tudo o que construí até ali ficou para trás.<sup>22</sup>

A nova realidade encontrada na Holanda foi totalmente diferente para Dias. Encontrou dificuldades em relação à língua e à cultura que eram diferentes. Com efeito, ele tinha lá o seu pai e alguns familiares que o ajudaram na sua integração. Beto Dias salienta que, apesar de a língua ser uma dificuldade na sua integração, ficou muito curioso em aprendê-la porque achava interessante a forma como as pessoas falavam com ele e gesticulavam. Isto despertou-lhe a curiosidade em conhecer o neerlandês e outras línguas e, consequentemente, outras culturas. Assim, conseguiu aprender a falar as línguas holandesa e inglesa e isso facilitou a sua integração.

Beto Dias reside actualmente na Holanda, mas visita regularmente a Ribeira da Prata, Tarrafal, Cabo Verde, onde tem fortes ligações com as suas raízes (familiares), em especial com a presença viva da sua musa inspiradora, a mãe.

---

<sup>21</sup> Idem

<sup>22</sup> Idem

## 2.2 Ribeira da Prata: o berço de Beto Dias

Entender Beto Dias e a sua obra implica conhecer o espaço físico e sócio-cultural da sua vivência enquanto parte do mesmo, onde viveu as suas aventuras de infância. Por conseguinte, é nesse espaço que ele se inspira, para escrever e recriar a sua realidade física e sócio-cultural, com base em observações e memórias da sua infância e na relação com os membros da comunidade, por meio das quais extrai da referida realidade os elementos que constituem a essência da sua escrita e do seu pensamento. Essas realidades encontram-se explícitas nas suas composições, por isso considera ser imperativo viajar pelo espaço que representa o seu berço e a sua personalidade, enquanto nativo da Ribeira da Prata, concelho do Tarrafal.

### 2.2.1 O espaço da sua infância: Ribeira da Prata

Situada no concelho do Tarrafal, ilha de Santiago, Cabo Verde, Ribeira da Prata é uma pacata localidade, localizada no litoral sul da vila do Mangue, capital do referido concelho. Dista



**Foto 2 –Ribeira da Prata. Extraído do álbum familiar. Não há registo do autor, nem da data**

desta aproximadamente 8 km. Mais ou menos, antes do ano 2000, havia uma estrada do período colonial, que se encontrava em péssimas condições. Deste modo, dificultava o acesso à referida comunidade e havia acidentes de viação frequentes. A partir de 2000, a via de acesso foi melhorada e ampliada. Ribeira da Prata passou a ter uma estrada de calçada em boas condições e com um percurso

serpenteado, permitindo desfrutar as belezas da montanha, por um lado, e, por outro lado, a imensidão do mar com toda a sua formosura e com a brisa marítima sempre presente no seu trajecto.

No dia 18 de Dezembro comemora-se o dia da Nossa Senhora de Boa Esperança, na capela da comunidade. Neste dia, a pacata localidade prepara-se para receber os seus filhos, que têm

nela a Santa da sua devoção, e os visitantes que chegam de toda a parte do país e da diáspora cabo-verdiana. É o dia de receber os filhos emigrantes que vêm renovar a fé na Boa Esperança.

Possui uma grande e lindíssima praia de areia preta, com águas límpidas e frias. À sua entrada, encontra-se uma ribeira fértil e verdejante, onde os nativos cultivam a terra, regada pela sua abençoada água doce. Em tempos, a água desta ribeira abastecia toda a vila do Manguê.



**Foto 3 - Praia da Ribeira da Prata.**  
Extraído do álbum familiar. Não há registo do autor, nem da data

Para além da agricultura de regadio, que se cultivava na referida ribeira, desenvolve-se, na época das *azaguas*,<sup>23</sup> uma intensa faina agrícola em todas as suas encostas e ladeiras. Por se situar à beira mar, a actividade piscatória também é uma realidade nesta comunidade. Desta forma, a agricultura, a pesca e a apanha de areia constituem as principais actividades de subsistência existentes, pois não há instituições públicas nem serviços públicos. Por isso, há um grande número de desemprego e para agravar ainda mais a situação, há falta de infraestruturas desportiva e de lazer. Uma outra saída e que sempre esteve presente no quotidiano da Ribeira da Prata é o fenómeno da emigração, com maior frequência para Holanda, França e Portugal.

Encontram-se aí pequenos comércios, como botequins, tabernas, e micro-empresas, principalmente no sector dos transportes rodoviários, que ligam a comunidade à vila do Manguê e outras localidades do concelho. Daí, os muitos botequins e tabernas servirem de ponto de encontro e de paródia para a população residente. Possui ainda um estabelecimento de ensino Pré-escolar e uma escola do Ensino Básico Integrado, onde são ministrados as aulas de 1<sup>a</sup> à 6<sup>a</sup> classe. O Ensino Secundário é frequentado pelos seus filhos na vila do Manguê, mas com a abertura da Escola Secundária de Chão Bom, a uns 6 km da Ribeira da Prata, os seus filhos passaram a estudar mais próximo de casa.

Beto Dias é consciente da influência do seu ambiente materno, Ribeira da Prata, na construção da sua personalidade, quando se identifica como natural desta comunidade, demonstrando todo o seu orgulho em ser membro da mesma. Senão veja-se: “sou da Ribeira da Prata onde (...) é, até hoje, simplesmente o meu paraíso.”

---

<sup>23</sup> chuva

Aos 14 anos de idade, Dias emigra para a Holanda, todavia permaneceu com grande ligação à sua progenitora e à terra-mãe, onde se encontra enterrado o seu cordão umbilical. Esta ligação é tão marcante que o demonstrou na composição *Sodadi*,<sup>24</sup> em que recupera o espaço físico da sua infância, recordando não só as brincadeiras na ribeira e encosta como também as suas aventuras de infância na Ribeira da Prata, como atestam os versos seguintes: /N lenbra kel bez ki nu ta brinkaba/Na rubera trabesa kutelu/Lenbra kel bez ki nu ta brinkaba, na rubera/Nha infânsia foi un aventura/Bunitu pa lenbra – duedu pa konta (...)/<sup>25</sup> As suas composições reflectem a sua vivência sócio-cultural no meio rural onde ele é natural. Para além de a composição *sodadi*, a letra musical *speransa (txuba)*<sup>26</sup> também elucida essa vivência, abordando a realidade social do campo: /N ta lenbra nha kunpadri/palmanhan sedu/ku si inxada riba di onbru/pa koba txon pa simentera//.<sup>27</sup>

Dias demonstra ainda a grande crença, esperança e fé tanto no Santo Padroeiro do concelho do Tarrafal, Santo Amaro Abade como na Santa Padroeira da Ribeira da Prata, Nossa Senhora de Boa Esperança. Praticamente todos os anos, pela ocasião da festa da Santa Padroeira, 18 de Dezembro, ele presenteia a comunidade local com um espectáculo musical.

Na letra musical *Vila Tarafal*,<sup>28</sup> singela homenagem à sua terra natal, Tarrafal, Dias apresenta simbolicamente o que representa para ele o seu concelho de origem, e apresenta-se de forma categórica como um tarrafalense, atestando a sua personalidade a de um membro desta comunidade, quando exclama *kalker un tarafalensi ta respondi igual/Vila tarafal/ki ta diskansa nos alma/últimu diskansu e na txon di Tarafal//*.<sup>29</sup>

Segundo as conversas tidas com os residentes, nesta localidade não há artistas precedentes ao Beto Dias, sendo, assim, o primeiro músico/compositor da mesma. Ele é considerado o orgulho de todos os filhos da Ribeira da Prata. Por isso, na opinião de um residente, não é uma terra de músicos em quantidade, mas em qualidade, e no concelho do Tarrafal, há grandes artistas. Cada zona dá o seu contributo e Ribeira da Prata deu o seu com Dias. Actualmente,

---

<sup>24</sup> Saudade

<sup>25</sup> /Lembro-me de quando brincávamos/Na ribeira, atravessando as encostas/Lembro-me de quando brincávamos nas ribeiras/A minha infância foi uma aventura/Bonita de se lembrar – triste de se contar/ (...)//

<sup>26</sup> Esperança (chuva)

<sup>27</sup> Lembro-me do meu compadre/de manhã cedo/com a sua enxada ao ombro/para cavar a terra para a sementeira//.

<sup>28</sup> Vila Tarrafal

<sup>29</sup> Qualquer um tarrafalense diz o mesmo/Vila Tarrafal/que descansa a nossa alma/o último repouso é no chão do Tarrafal//.

surgiu um grupo de Batuco, denominado Cultura Esperança, que vem animando o panorama musical nacional com o seu primeiro disco.

### 2.3 Discografia de Beto Dias

O percurso discográfico de Beto Dias teve duas fases distintas, mas complementares, dado os conteúdos das suas letras musicais, na medida em que segue a mesma linha temática na sua escrita - escreve sobre a mãe, a saudade, o amor e o quotidiano cabo-verdiano.

A primeira fase – de 1989 a 1996 - corresponde ao início da sua carreira e do grupo musical *Rabelados* (1989), indo até ao lançamento do seu segundo álbum a solo, em 1996; durante este período ele lançou dois discos com o *Rabelados* e dois discos a solo. Nesta fase, Beto Dias trabalha as suas composições na linha temática mais telúrica, como a saudade, a mãe, o *modus vivendi* do arquipélago, ou seja, as suas letras são mais ligadas a Cabo Verde, onde se encontra enterrado o seu umbigo que o liga à terra-mãe, unindo-o ao seu húmus, à sua progenitora (família) e ao quotidiano do povo das ilhas; o amor está presente igualmente nessas composições mais não como o tema principal:

- ✓ No final de 1989, lançou com o grupo *Rabelados*, o primeiro disco intitulado *Unidadi y Amor*;
- ✓ O seu primeiro disco a solo, intitulado *Sodadi*, foi editado em Dezembro de 1993;
- ✓ No final do ano de 1995, o grupo *Rabelados* editou o seu segundo e último trabalho discográfico, denominado *Sukuru*.
- ✓ Em 1996, Beto Dias publicou o seu segundo disco a solo, com o nome de *Sol Armonia & Fé*;

A segunda fase corresponde ao período da confirmação e da consolidação da sua carreira a solo, enquanto músico e compositor, com a publicação dos seus restantes discos, sendo o último lançado em 2009. Nesta fase, Dias continua com a linha temática relacionada à mãe, à terra natal mas não de modo expressivo como na fase anterior. O que está presente de forma indelével nas suas composições é a temática amorosa, ou seja, o amor do cabo-verdiano pela cabo-verdiana na sua múltipla dimensão e com todas as suas vicissitudes e contratempos:

- ✓ Em meados do ano 2000, editou o seu terceiro disco, denominado *Nós 2*;
- ✓ Na segunda metade de 2004, publicou o seu quarto disco, designado *Kuasi Perfeitú*;



- ✓ Em 2006, com a ajuda do grande público, por meio de votação pela *internet*, compilou as composições musicais num *Best Of*, onde se encontram duas composições inéditas;
- ✓ Em Março de 2009, editou o seu último disco, publicado até o momento, intitulado *Totalmenti di bó*.

Para além de as publicações descritas, Dias participou em vários projectos colectivos, todos com composições da sua autoria. Entre esses projectos, destaca as participações no projecto de Antero Simas, em que cantou uma morna da autoria de Simas, a única composição que ele interpretou e que não é da sua autoria; colaborou também no segundo disco de batuco do grupo *Pó di Terra*; no disco de batuco de *Cultura Esperança*, grupo de Ribeira da Prata e, igualmente, no DVD ao vivo do grupo de funaná *Ferro Gaita*. Para Dias, todas essas participações constituem um orgulho enorme porque se trata de grupos que ele admira muito e que já deram e estão a dar grande contributo para a valorização da cultura cabo-verdiana.

## 2.4 Beto Dias: O olhar do compositor

Apresenta-se aqui a visão do compositor sobre si mesmo, nas suas múltiplas dimensões. Assim, ter-se-á o panorama do percurso de Dias não só enquanto autor das suas composições musicais como também de quem já compôs inúmeras letras para outrem.

### 2.4.1 O «rito iniciático» do compositor

Beto Dias<sup>30</sup> afirma que o seu interesse em compor letras musicais surgiu espontaneamente, visto que sempre gostou de tocar viola; foi o que tentou fazer, mas sem pensar em entrar em nenhum grupo musical ou em compor música. Ele tinha muitos amigos na altura que se interessavam pela música, daí que se encontrassem esporadicamente com o objectivo de apresentar as novidades do que já tinham aprendido a tocar. Deste modo, o cantor entra num grupo só de amigos, do qual faziam parte, entre outros, os conhecidos músicos e compositores Kino Cabral e Grace Évora. Mais tarde, ingressaram nos conjuntos musicais “a sério”. No caso de Beto, foi convidado a incorporar o grupo musical *Rabelados* que já existia, enquanto Kino

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.

Cabral e Grace Évora formam o grupo *Livity*. O interesse de Beto pela música era já notório, mas, numa primeira fase, apenas como guitarrista. Um dia cantou uma música e os elementos do grupo ficaram satisfeito e incentivaram-no a cantá-la. Beto impôs uma condição: se era para cantar, queria cantar músicas de sua autoria. Assim nasceu o seu interesse pela composição de letras musicais.

Mais tarde, Beto Dias recebe uma proposta para a gravação de um disco a solo, proposta que não significou a sua saída do grupo. Depois da publicação do segundo disco, chegou-se a uma fase em que todos os elementos do grupo decidiram colocar uma pausa no projecto colectivo, partindo para projectos individuais: Meno Pecha e Suzana Lubrano lançaram-se a solo. “Com o passar do tempo tudo se tornou mais difícil”, realçou Dias, porque cada um continuava a prosseguir com a sua carreira a solo embora a ideia fosse a de nunca pôr fim ao grupo.

#### **2.4.2 A influência**

Beto Dias vê no compositor cabo-verdiano Norberto Tavares o grande impulsionador da sua arte de compor letras musicais, pela forma como ele escreve e se relaciona com a terra-mãe, Cabo Verde, através das composições musicais. A propósito, declara:

O compositor que me inspira é Norberto Tavares. Ele é o meu grande ídolo, pois sempre ouvi a sua música. O modo como escreve mexe muito comigo porque ele fala de Cabo Verde, do homem crioulo e por ele viver a maior parte da sua vida na diáspora, há uma certa ligação dele com Cabo Verde através da sua composição musical.<sup>31</sup>

Do mesmo modo, Beto Dias procura escrever sobre a realidade sócio-cultural de Cabo Verde e sobre os seus sentimentos - a saudade, a sua relação com a mãe e a forma como vivencia o quotidiano cabo-verdiano, a título de exemplo.

---

<sup>31</sup> Idem

### 2.4.3 Motivo das mensagens

Nesta lógica, Dias afirma que escreve sobre a realidade sócio-cultural cabo-verdiana com a ideia de que a mensagem passe e ajude a mudar algo que esteja mal na nossa sociedade, porque senão não teria sentido compor e cantar só para as pessoas dançarem. Realça ainda que, muitas vezes, não se preocupa com a melodia, mas antes em transmitir a mensagem. Reitera a ideia de que se as pessoas não dançarem a sua música ele não fica muito triste, mas se souber que elas não a escutam, fica decepcionado, visto que escreve para ser escutado e apreciado.

### 2.4.4 Beto Dias em interface com a escrita das composições

Questionado sobre a relevância do seu nível de formação para a composição das suas letras musicais, Dias responde:

Eu não tenho uma bagagem muito sólida em língua portuguesa porque estudei em Cabo Verde até à actual sexta classe. Sinto maior facilidade em escrever letras musicais por ter continuado os meus estudos na Holanda (na área da mecânica). Entretanto, procuro fazer a minha própria formação, visto que leio muito e procuro estar sempre actualizado; sou responsável pela minha auto-formação e é isso que me auxilia no processo da composição.<sup>32</sup>

O compositor assume que as suas composições são fruto de um intenso labor, visto que quem escreve deve discorrer sobre aquilo que vai escrever, trabalhar as suas composições até amadurecer. Frisa que procura escrever para cativar as pessoas: por exemplo, o título, por ser o resumo do conteúdo da letra musical, deve ser sugestivo e constituir algo que cause impacto e chame a atenção do público para o conteúdo da música, ou seja, para a mensagem que se quer transmitir (exemplos de títulos das composições de Dias: *Unidadi y Amor*, *Sin Sabebe*, *Euroverdiana*, *Kuasi Perfeitu*, *Benefísiu di dúvida*, *Sol Armonia*<sup>33</sup>). Ele defende que não se deve

---

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> Unidade e Amor, Se eu Soubesse, Euroverdiana, Quase Perfeito, Benefício de Dúvida, Sol Harmonia.

apresentar um produto final à sociedade cabo-verdiana<sup>34</sup> sem se ter a noção de que o mesmo esteja num nível razoável.

Na verdade, nota-se que Dias trabalha a palavra, não de modo erudito mas de forma corrente, convergindo a cultura, a história e a sociedade, num conjunto que representa o passado como facto que pode postular o presente para projectar o futuro. Reconhecendo que a construção da cabo-verdianidade é um processo que surge com o início do povoamento de Cabo Verde, este molda-se de acordo com o percurso histórico do país: todo o sofrimento do homem cabo-verdiano, inerente ao seu trajecto ao longo da história, possibilitou a construção da identidade cabo-verdiana. Neste ângulo, a título de exemplo, a composição musical *sufri kaladu*<sup>35</sup> elucida a construção da história por meio da escrita, através de linguagem simples, realçando a atenção do autor relativamente ao valor da mesma, demonstrando ser conhecedor da História de Cabo Verde, em particular, e da África, em geral. Assim, nesta composição, o autor aborda a forma como o homem africano foi tratado, a visão do colonizado perante o colonizador, tratando este como “coisa”: “apenas havia injustiça, sofrimento, injúria”. Confira-se, então, a letra da composição *sufri kaladu*.

Di kel bez era tristi	O antigamente era triste
Di kel bez era dimas	O antigamente era duro
Djustisa ka tinha pa nos	Não havia justiça para nós
Es injuria-nu, es maltrata-nu	Injuriaram-nos, maltrataram-nos
desdi kumesu di mundu	Desde o começo do mundo
Es regista-nu di negru, pretu	Eles apelidaram-nos de negro, preto
Es danu ses apildu	Deram-nos os seus apelidos

Realçou ainda que o sofrimento era tanto que passou a ser uma actividade imposta pela classe dominante, ou seja, “Prufison era sufrimentu”<sup>36</sup>. Daí, destaca o papel da mãe – apesar do desânimo, do desespero, consegue aguentar a dor, protegendo o filho com sorriso na face e dor no coração – e o seu lugar na história, tanto do arquipélago como do continente africano:

<sup>34</sup> Neste trabalho, quando se fala da sociedade cabo-verdiana, está a se referir a organização de pessoas residentes no país e na diáspora.

<sup>35</sup> Sofrer calado, composição inserta no disco *Sol Harmonia & Fé*.

<sup>36</sup> O sofrimento era a profissão

prufison era sufrimentu  
 Mamai dizusperadu ku gana-l djuda si fidjus  
 e ka podi, mai dizanimadu, dizusperadu  
 ta aguenta si dor internu  
 E ka dexe nen mostra si fidjus xinti  
 Ma uniku ramedu ki tinha  
 Era sufri kaladu aguenta dor internu  
 Mostra rostus kontenti  
 Era sufri kaladu aguenta dor internu  
 Fingi nada ka pasa

O sofrimento era a profissão  
 Mamãe desesperada com vontade de ajudar os seus filhos  
 Não podia, mãe desanimada, desesperada  
 A suportar a sua dor interior  
 Sem mostrar nem deixar que os seus filhos sentissem  
 Que o único remédio que havia  
 Sofria calada aguentando a dor interior  
 Mostrando um semblante contente  
 Sofria calada suportando a dor interior  
 Fingindo que nada se passava

A reconstrução da história deve ser feita com o propósito de haver registos. África, continente onde Cabo Verde está inserido, geograficamente, deve reconstruir a sua história, por meio de gestos e palavras, tinta e letra, para marcar e reconstruir o “sofrimento passado”. África deve agir de modo inteligente para que não caia no mesmo erro, isto é, não usar da violência para vingar o passado mas fazer da inteligência a sua arma, materializando-a através de gestos e palavras. Chama a atenção e deixa um firme apelo a todos para que isso não aconteça nunca mais:

Uu ó Áfrika  
 Ku jestu y palavra tinta y letra na papel  
 Nu ten ki skrebi sufrimentu pasadu  
 Ka nu uza violensa  
 Pa nu vinga pasadu  
 Jestu y palavra e soluson

Uuh oh África  
 Com gesto e palavra tinta e letra no papel  
 Temos que escrever o sofrimento passado  
 Não usemos a violência  
 Para vingarmos o passado  
 Gesto e palavra são a solução

Angola, Kabu Verdi, Guiné y Mosanbiki,  
 Santomé, Senegal  
 Ka nu dexe kontisi mas

Angola, Cabo Verde, Guiné e Moçambique,  
 São Tomé, Senegal  
 Não deixemos que volte a acontecer.

Constata-se que *Sufri kaladu* é uma composição que resume séculos de história, dor, sofrimento, injustiça e subjugação do Homem negro pelo Homem branco. Constitui a narração de factos passados onde Dias tenta recuperar a história, em toda a sua dimensão, realçando a

forma como o povo africano, em geral, e cabo-verdiano, em particular, foram privados dos seus direitos inalienáveis, como o de exprimir livremente os seus sentimentos e pensamentos.

Ele destaca simbolicamente a figura da mãe que sofreu calada durante séculos sob o jugo colonial, submetendo-se às piores atrocidades, representando, deste modo, a resistência e a esperança de dias melhores. Nesta perspectiva, Beto Dias recupera os acontecimentos históricos que tiveram lugar ao longo de vários séculos, fazendo sobressair, nas suas composições, a função social do artista, recorrendo ao diálogo entre a cultura, a história e a sociedade. Apela os africanos para não se esquecerem ou perderem essa importante referência. Assim, ele adverte todos os cabo-verdianos e os povos que padeceram a não se esquecerem do seu passado e, principalmente, a não permitirem que tal situação venha a se repetir.

#### **2.4.5 A valorização do compositor**

Confrontado com a questão de sentir, ou não, valorizada a sua faceta de compositor, Beto desabafa que infelizmente não se escreve sobre a sua faceta de compositor, desconhecendo o motivo. Acrescenta que poderá ser por não andar atrás de pessoas a pedir que escrevam sobre o seu trabalho. Para o compositor em estudo, deve ter-se em conta a sua faceta de compositor, visto que ele já escreveu mais de setenta letras musicais, incluindo não só as composições que ele próprio interpretou, mas também as interpretadas por Suzana Lubrano que serão, no mínimo, quinze. Note-se que, com o disco *Tudu pa Bó*<sup>37</sup>, para o qual Dias escreveu praticamente todas as letras, Suzana Lubrano venceu o prémio *Korá Awards*, na categoria de melhor artista feminina africana. Cabo Verde regozijou-se com o referido prémio, incluindo as instituições que representam a cultura cabo-verdiana, designadamente o Ministério da Cultura e instituições afins. No entanto, não se notou que as composições eram da autoria de Beto Dias e, perante este facto, o compositor pensa que as pessoas podem não estar informadas sobre as suas composições. Defende que não faz sentido ser o próprio a chamar a atenção para quem compõe as letras, uma vez que no disco se encontram as informações sobre a autoria das mesmas.

Ainda, sobre a valorização do seu trabalho, Dias confirmou que o único reconhecimento público endereçado a si foi a homenagem feita no seu concelho de origem, Tarrafal, por ocasião da festa do Santo Padroeiro, Santo Amaro Abade, e, ao mesmo tempo, festa do Município do

---

<sup>37</sup> Tudo para ti.

Tarrafal, no dia 15 de Janeiro de 2006: “fiquei muito feliz e sinto-me orgulhoso em ser agraciado no concelho que me viu nascer e, igualmente, por se terem lembrado de mim e do meu trabalho”. Para além dessa homenagem, Dias acrescenta:

Nunca fui condecorado com nenhum outro prémio mas para mim isto não é o mais importante porque aquilo que eu considero relevante é o reconhecimento das pessoas que eu encontro nas ruas e que me dizem que escutam e gostam da minha música e, conseqüentemente, das minhas composições. O mais importante, como já tinha dito, é que as minhas músicas sejam escutadas porque é para isso que eu escrevo.<sup>38</sup>

## 2.5 Relação de Beto Dias com Cabo Verde a partir da diáspora<sup>39</sup>

Discorrendo sobre a trajectória de Beto Dias em pormenor, desde a sua saída, aos 14 anos de idade, da Ribeira da Prata à actualidade, verifica-se que a relação de Dias com Cabo Verde é *sui generis*, visto que desde a sua chegada à Holanda, ele expressou e transportou a alma crioula e a cabo-verdianidade, abordando-as nas suas composições de modo expressivo o que nos leva a vivê-las e a senti-las.

Na verdade, esta estreita relação com Cabo Verde não surgiu por mero acaso, na medida em que Dias esteve sempre ligado à sua terra natal, demonstrável nas suas composições, através das quais mantém um intrínseco vínculo com o seu húmus, permanecendo-se fiel às suas raízes. Neste sentido, esclarece Dias:

Estive sempre ligado a Cabo Verde porque deixei aqui a minha família com a qual me correspondi frequentemente através de cartas. Posteriormente, entrei para o mundo da música e passei a escrever sobre a realidade da terra como a saudade,

<sup>38</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.

<sup>39</sup> “O conceito de «diáspora» é de utilização complexa, uma vez que condensa múltiplos significados, conota realidades históricas diversas, qualificando populações e movimentos populacionais com perfis heterogéneos. Os seus elementos centrais apontam para as experiências de “deslocação, dispersão ou exílio” de populações divididas entre, pelo menos, dois territórios geográficos (Clifford, 1997a), mas mantendo fortes vínculos de “lealdade” e de “sentimento” relativamente ao território de origem ou imaginado enquanto tal (Cohen, 1997: ix).” CIDRA, Rui, «Produzindo a Música de Cabo Verde na Diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas», In: GÓIS, Pedro (org.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Emigração Cabo-verdiana*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008, pp – 106.

a chuva e passei a cantar Cabo Verde. Por isso, Cabo Verde sempre está presente em mim e sinto-me bastante ligado à minha terra e actualmente, devido à minha profissão venho sempre e estou ligado aos acontecimentos da terra.<sup>40</sup>

Além disso, por representar a cultura cabo-verdiana e transportar consigo um pedaço de Cabo Verde para a diáspora, nas suas digressões, ele consegue despertar nessa comunidade um sentimento de pertença e ao mesmo tempo de melancolia e saudade, através de composições musicais que abordam as especificidades crioulas e o quotidiano das ilhas. Veja-se com Dias:

É interessante observar que quando actuo para a comunidade cabo-verdiana na diáspora, as pessoas pedem que eu cante determinadas músicas e quando canto, elas ficam com as lágrimas nos olhos porque relembram Cabo Verde e as nossas coisas, inclusive os nossos estudantes que estão fora do país. Constato que sentimos um amor imenso por Cabo Verde e a nossa alma cabo-verdiana é muito forte na nossa diáspora.<sup>41</sup>

É com esse espírito que Dias compõe e canta sobre a realidade cabo-verdiana. Entretanto, essa realidade, para ele, tem que ser um todo que representa Cabo Verde, como ele mesmo adverte:

Sinto-me motivado quando componho sobre aquilo que sinto e que se passa comigo, a minha realidade. O mesmo se passa quando escrevo sobre as nossas ilhas, Cabo Verde. Não só sobre Santiago ou Tarrafal onde nasci, mas acerca de Cabo Verde em geral. Nesse aspecto, se eu não gostasse de São Vicente, de Santo Antão ou de Santa Luzia eu não me sentiria o Cabo-verdiano que sou. Cabo Verde só é Cabo Verde com todas as suas ilhas, sem uma delas já não é o mesmo. Gosto das peculiaridades de cada ilha. São essas singularidades que formam a nossa cabo-verdianidade e, conseqüentemente o todo representativo do nosso arquipélago.<sup>42</sup>

No entanto, apesar da unidade cultural representada pela cabo-verdianidade, há uma grande heterogeneidade cultural de ilha para ilha e, até dentro de uma mesma ilha, como é o caso da ilha

---

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem



de Santiago, onde há um caldeamento de elementos culturais de diversas ilhas e povos. Essa diversidade não retrai, em si, a unidade mas enriquece-a, formando um todo “nacional na sua essência e homogêneo nos seus traços essenciais”.<sup>43</sup>

A título de exemplo, na composição *Sarabudja*, Dias trabalha a diversidade cultural cabo-verdiana, ilha por ilha, inserida no grande factor identitário e unificador cultural que a cabo-verdianidade encerra. Observa-se o trecho da música *Sarabudja*, onde Dias apresenta as peculiaridades e as heterogeneidades de cada ilha, inserida no todo identitário nacional:

Me ta lenbra rapasis kul,/mininas bunita, konbersu sabi di Son Visenti/(...) nhu manu mansu, gentis mansu, gentis di Brava/(...) gentis di azagua, trabadjadoris/ta djunta mó gentis Santiagu, gentis Santanton/(...) morenas bunita di San Nikulou/(...) Primero di Maiu na djar Fogu/festa carnaval na Son Visenti/ dia Nosa Senhora da Grasa na Santiago/ kola san djon na Santanton(...) dansa mazurka, na San Nikulou/festa Santana na dja Braba/na dja di Sal/(...) Nosa Senhora da Luz na vila djar Mai/Santa Luzia, Boavista.”<sup>44</sup>

Deste modo, verifica-se o facto de Cabo Verde possuir, na sua estrutura profunda, uma cultura homogênea, porém cada ilha apresenta a sua diversidade, como Dias exalta no excerto precedente. Entretanto, o povo sente essa heterogeneidade como elemento que é próprio da sua identidade.

É o próprio Dias que, na sua composição *Nôs Paraízu*,<sup>45</sup> expressa a forma como vivencia o seu país, como um todo, estando Cabo Verde presente no seu ser, na sua razão e no seu coração.

Spesial pa nos tera

Especialmente para a nossa terra

Pa Kabu Verdi

Cabo Verde

Nos paraízu

O nosso Paraíso

Irmon dexe-m ben mostra-bu

Irmão deixa-me mostrar-te

<sup>43</sup> ALMADA, José Luís, op.cit.

<sup>44</sup> Que se lembra dos rapazes cool/ Meninas bonitas, conversa «sabi» de São Vicente/ (...) Sr. Mano Manso, pessoas mansas, pessoas da Brava/ (...) pessoas de *azagua*, trabalhadores/ que *djunta mó*, pessoas de Santiago, pessoas de Santo Antão/ (...) morenas bonitas de São Nicolau/ (...) Primeiro de Maio na ilha do Fogo/ festa de carnaval em São Vicente/ dia Nossa Senhora da Graça em Santiago/ cola São João em Santo Antão/ (...) dança mazurca na ilha de São Nicolau/ festa Santana na ilha Brava/ na ilha do Sal/ (...) Nossa Senhora da Luz na vila do Maio/ Santa Luzia, Boa Vista//.

<sup>45</sup> *Nosso Paraíso*. Composição inserta no disco *Sodadi*, lançado em 1993.

Ma mi – ma mi, mi N ten Kabu Verdi  
Na nha kurason y na nha pensamentu

Que eu – que eu, eu tenho Cabo Verde  
No coração e no pensamento

Por isso, ele expressa que a sua vontade, o seu “sonho”, a sua “esperança”, até mesmo, a sua “fantasia” e a sua “ilusão” é regressar a Cabo Verde, sua terra, evocando assim, o “querer ficar e ter que partir”, expressão muito utilizada no mundo literário cabo-verdiano.

Tudu nha iluzon y nha fantasia  
Nha sonhu y speransa  
Pa torna un rialidadi  
Mi N ten ki volta pa nha tera

Para que toda a minha ilusão e fantasia  
Os meus sonhos e esperanças  
Se tornem realidade  
Tenho que voltar para a minha terra

Com efeito, embora as inúmeras dificuldades encontradas na diáspora, a esperança do cabo-verdiano continua focada no retorno à terra natal, desenvolvendo, assim, um amor incondicional e uma forte relação com Cabo Verde, como provam os versos abaixo:

Apizar di siparason,  
Distansia entri mar y seu  
Nun situason senpri difísil  
Ku poku soluson  
Mas nos distinu final  
Kontinua senpri un dia  
Pa nu volta pa nos tera

Apesar da separação,  
Da distância entre mar e céu  
Numa situação sempre difícil  
Com poucas soluções  
Ainda assim, o nosso destino final  
Continua a ser o de um dia  
Regressarmos à nossa terra

Dibaxu tudu sufrimentu  
Mas nu vive ku speransa  
Senpri un vida difísil  
Y xei u di kansera  
Mas nos amor torna kada bes mas forti  
Pa nos tera Kabu Verdi

Apesar de todo o sofrimento  
Ainda assim, vivemos com esperança  
Uma vida sempre difícil  
E de muita cansaíra  
Apesar disso, o nosso amor torna-se cada vez mais forte  
Pela nossa terra Cabo Verde

Do mesmo modo, Dias procura sensibilizar os cabo-verdianos para o valor da sua terra, Cabo Verde. Chega a afirmar que, caso exista um paraíso neste mundo, este é a sua terra. Assim, apela à união dos cabo-verdianos, com o propósito de os juntar para que lutem pelo progresso do seu paraíso:

Pa mi nu ten un paraízu nes mundu  
 Ki e nos ilhas di Kabu Verdi  
 Nu ten ki djunta pa nu luta  
 Pa nu djuda nos paraízu

Para mim, temos um paraíso neste mundo  
 As nossas ilhas de Cabo Verde  
 Temos que unir esforços para lutarmos  
 Para ajudarmos o nosso paraíso

Como já foi explicitado anteriormente, Dias defende que a sua relação com Cabo Verde não se restringe apenas à ilha onde nasceu, mas estende-se a todas as outras ilhas, visto que Cabo Verde é um arquipélago constituído não pela parte mas sim pelo todo, isto é, é um país constituído por dez ilhas e não por uma ou duas. Isso reflecte-se nos versos que se seguem, onde euforicamente canta tanto Barlavento como Sotavento, demonstrando, deste modo, o valor que Cabo Verde tem para ele. Fica-se com a sensação de que, se necessário for, ele dá a sua vida por Cabo Verde:

Dja N kré luta ku tudu forsa  
 Pa Barlaventu  
 Mi N ta volta ku tudu amor  
 Pa Sotaventu  
 Mi N ta da nha vida  
 Pa Kabu Verdi

Quero lutar com toda a força  
 Por Barlavento  
 Regresso com todo o amor  
 Para Sotavento  
 Dou a minha vida  
 Por Cabo Verde

Dja N kré kanta, dja N kré dansa  
 Dja N kré salta, dja N kré grita  
 Pa Kabu Verdi

Quero cantar, quero dançar  
 Quero saltar, quero gritar  
 Por Cabo Verde

É, por tudo o que já foi exposto que Dias reitera a ideia de que Cabo Verde é a sua prioridade, porque é a terra que ele mais ama e é onde vivem as pessoas que ele mais ama no mundo. Efectivamente, a sua relação estreita com Cabo Verde não se constata apenas na poética da composição *Nos Paraízu*, que se verificou ser um hino à cabo-verdianidade, mas igualmente, em outra composição da qual se apresenta a letra musical *Vila Tarafal*<sup>46</sup>, onde Dias expressa a sua mais profunda manifestação da alma crioula e da cabo-verdianidade, quando compõe e canta: (...) *dja N konxi txeu tera/mutu mas avansadu/pa txeu informason/es ten tudu mas ki nos/ mas*

<sup>46</sup> Participação no projecto *Tarrafal stars*, disco só com os músicos naturais do Tarrafal. Esta composição foi dedicada à vila que o viu nascer e as suas gentes.

*ninhun N ka ta troka-l/pa nôs Kabu Verdi/ ki ten Vila, Mangi, Tarafal*<sup>47</sup>. Deste modo, nota-se que essas composições reflectem a sua vivência enquanto cabo-verdiano que vive e sente o fervor das ilhas no seu ser e o seu umbigo encontra-se embrenhado nas vivências do dia-a-dia e do húmus cabo-verdianos.

---

<sup>47</sup> Conheço muitos países/muito mais avançados/pelas várias informações/têm mais do que nós/mas não troco nenhum deles/pelo nosso Cabo Verde/que tem Vila, Mangue, Tarrafal.

## **CAPÍTULO III – A EXPRESSÃO DA CABO-VERDIANIDADE NAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE BETO DIAS**

A produção musical de Beto Dias apresenta-se como um corpo documental, centrando-se em temáticas cujas expressões de sentimentos se assentam em abordagens diferenciadas dos traços da vida social de Cabo Verde. O seu repertório constitui, com efeito, uma documentação rica, ainda inexplorada pela análise sócio-cultural, com grande potencial para a recuperação do quotidiano. Ao mesmo tempo que é uma manifestação artística, também apresenta aspectos da vivência quotidiana não só do seu produtor como também dos seus ouvintes.

Nesta perspectiva, analisou-se, nas composições seleccionadas, traços e elementos sócio-culturais, que ganharam expressões tipicamente cabo-verdianas, e a reconstrução, nas composições musicais de Dias, de traços do quotidiano do povo de Cabo Verde, através dos quais podemos reconhecer a expressão da identidade cultural cabo-verdiana.

### **3.1 Análise de algumas composições musicais de Beto Dias:**

De entre aproximadamente setenta composições musicais produzidas por Beto Dias, neste estudo, para além de os dois textos já trabalhados no capítulo anterior e devido ao carácter monográfico deste estudo, seleccionou-se uma amostra de mais cinco textos pela força da mensagem e pelo valor que representam para o objecto de estudo, visto que são composições que reflectem a realidade sócio-cultural de Cabo Verde.

#### **3.1.1 *Nhu Santu Amaru*<sup>48</sup> – A festa tradicional**

As Festas Tradicionais são manifestações que se encontram imbricadas no substrato sócio-cultural de Cabo Verde. Nesta linha, Lima defende que as Festas Tradicionais são “entendidas como organizações festivas de carácter religioso, religioso-profano ou profano, comuns a todos

---

<sup>48</sup> Santo Amaro

os membros de uma comunidade e que se destinam a assinalar ocasiões especiais, como homenagem aos Santos de veneração e padroeiros de cada aglomerado populacional”.<sup>49</sup>

Na ilha de Santiago, a maior e a mais populosa do país, as festas de Santos Padroeiros sucedem-se em números significativos durante todo o ano. De entre eles, destacam-se: São Miguel Arcanjo, em São Miguel, Santa Catarina, no concelho de Santa Catarina, São Tiago Maior, em Santa Cruz, São Lourenço dos Órgãos, nos Órgãos, São Nicolau Tolentino, em São Domingos e Santo Amaro Abade, no Concelho do Tarrafal.

É neste quadro que a festa de Santo Amaro, na vila do Tarrafal, na ilha de Santiago, é celebrada no dia 15 de Janeiro, de cada ano. Esta data coincide com a festa do Município do Tarrafal. Sendo assim, por essa ocasião, o Município comemora o seu dia com actividades sócio-culturais, em consonância com a paróquia que celebra a missa e organiza a procissão em nome do Santo Padroeiro, Santo Amaro Abade.

A simbiose entre o religioso e o pagão começa vários dias antes do dia 15 de Janeiro. As duas entidades locais, a Câmara Municipal e a Paróquia, desenvolvem actividades que culminam no dia do Santo Padroeiro. A Câmara é encarregada de realizar as actividades sócio-culturais que têm início aproximadamente 15 dias antes, sendo o seu ponto máximo véspera do dia 15 com actividades recreativas, festejos de rua e bailes que actualmente são substituídos por festivais musicais. Na véspera de Santo Amaro, à noite, não faltam também o bom grogue e churrascos, com ambientes alegres, como provam os versos da composição *Nhu Santu Amaru*:

Na bespa nhu Santu Amaru na vila  
E dia sabi ki ka ten dos igual  
La riba sabi li baxu mas inda  
Rapasis nobu toma ses kana  
Es fla nu brinka so sabi  
E li ki e vila Tarafal

A véspera de Santo Amaro na vila  
É dia «sabi» como não há igual  
Lá em cima está «sabi», aqui em baixo mais ainda  
Os rapazes bebem o seu grogue  
E dizem brinquemos alegres  
É aqui que é vila do Tarrafal

No quadro do ambiente propício aos excessos descritos, Dias apela à prudência por parte dos festeiros, não se esquecendo que se deve brincar com respeito porque a vida é singular e preciosa. Isto porque durante o festejo regista-se uma ou outra briga que pode entusiasmar os

<sup>49</sup> LIMA, António Germano. *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2002, pp – 97.

festeiros. Aliás, pode fazer-se uma analogia entre as Festas Tradicionais em Cabo Verde, quando Germano Lima fala das Festas Tradicionais da Boa Vista, onde surge sempre “uma ou outra briga entre os adultos, que muitas vezes servia para aquecer um pouco o ambiente: festa que não tivesse briga, não era *sabe*, diziam os populares.”<sup>50</sup>:

Rapasis nobu nu brinka ku jetu	Rapazes folguemos com maneiras
Rapasis nobu nu brinka ku ruspetu	Rapazes folguemos com respeito
Dja nu sabi ma vida e so un	Já sabemos que a vida é só uma
Si oji e sin manhan e talves	Se hoje é sim, amanhã é talvez
Si bu insoda ki bu ka brinka bo ki ta skesedu de-l	Se distrais e não te divertes cairás no esquecimento

No dia seguinte, isto é, no dia 15 de Janeiro, chega o grande dia, o dia do Município e do Santo Padroeiro. Neste dia, o auge da festa é a tão esperada cerimónia da santa missa, como Beto explicita: “dia 15 di Janeru na vila/ e dia grandi misa Santu Amaru”<sup>51</sup>, normalmente celebrada pelo Bispo de Santiago, auxiliado por um número significativo de sacerdotes ou por um padre de outra paróquia, convidado pelo pároco da freguesia em festa.

Apesar de não se conhecer a data certa em que se começou a festejar Santo Amaro, quer a nível religioso quer a nível pagão, os mais idosos contam que se trata de uma celebração antiga e que a missa de Santo Amaro tem uma dimensão bastante grande, por isso, é “dia grande”, como dizem os populares. Com efeito, aproveita-se a cerimónia para solicitar a Santo Amaro, através de prece, para oferecer aos seus devotos e a todos um ano sem falta de chuva, de “boas azaguas”<sup>52</sup> e, conseqüentemente, de abundância. Na verdade, nos anos em que se registavam “boas azaguas”, a festa era celebrada com mais brilho e as pessoas viviam felizes. Daí o apelo a Santo Amaro, como se encontra registado nos versos abaixo:

Nu djunta nu pidi nhu Santu Amaru	Juntemo-nos e peçamos a Santo Amaro
Pa da-nu un anu di fartura	Para dar-nos um ano de fartura
Pa da-nu un anu di bon azagua	Para dar-nos um ano de boas colheitas
Pa da-nu un anu sen falta di txuba	Para dar-nos um ano de chuva
Pa da-nu un anu di fartura	Para dar-nos um ano de fartura
Ki e pa nu brinka so sabi ti ki anu kontra	Para brincarmos «sabi» até ao próximo ano

<sup>50</sup> Idem, pp – 101.

<sup>51</sup> Dia 15 de Janeiro na vila/É dia grande, dia de missa de Santo Amaro.

<sup>52</sup> Boas colheitas

A festa de Santo Amaro é celebrada no litoral norte da ilha de Santiago, no concelho do Tarrafal mas não é comemorada apenas pelos tarrafalenses. Nesta festa participam pessoas de todos os cantos de Cabo Verde e, em especial, da diáspora cabo-verdiana que, muitas vezes, vêm pagar promessas ao seu Santo de devoção. Muitas pessoas ouvem novas das festas anteriores e chegam de todos os cantos do país e da diáspora para vir “brincar” e festejar em honra de Santo Amaro:

Anu pasadu N obi nobidadi	No ano passado ouvi contar
Es anu N ben pa N odja	Este ano vim para experimentar
N ben di lonji n ben di fora	Vim de longe vim de fora
Mas ami n ben pa sabi	Mas vim para festejar
Ó nhu Santu Amaru	Oh Santo Amaro!
Se pa mas pior di ki keli	Se é para ficarmos pior do que estamos
Nhu dexanu ku keli	Deixa-nos na mesma
Anos nu sta konfortadu	Estamos confortados
Ku kel poku ki nu tem	Com o pouco que temos

Nos últimos quatro versos, Dias faz um pedido a Santo Amaro como forma de consolar o povo e de agradecer a Deus, mostrando que se quer apenas o essencial e o suficiente para sobreviver, por meio de uma popular expressão idiomática do mundo rural santiagense: Si e pa mas pior di ki keli/ Nhu dexa-nu ku keli/ Anos nu sta konfortadu ku kel poku ki nu ten.//<sup>53</sup>

O que foi descrito por Dias na composição *Nhu Santu Amaru* pode fazer-se analogia com outras Festas Tradicionais e de Romarias celebradas noutras freguesias de Cabo Verde, com especial realce para as festas de Santos Padroeiros. Efectivamente, podem ter algumas nuances diferentes na estrutura de superfície, porém têm a mesma essência na estrutura profunda, ou seja, pode-se encontrar especificidades de região para região onde se festeja, todavia, a matriz é a mesma (actividades pagãs durante toda a noite da véspera e missa, procissão no dia da celebração da festa).

---

<sup>53</sup> Se é para ficarmos pior do que estamos/Deixa-nos na mesma/Estamos confortados com o pouco que temos.//



### 3.1.2 *Speransa (Txuba)* – Esperança e vida: sobrevivência do homem das ribeiras e ladeiras das ilhas

Cabo Verde é um país influenciado pelo deserto de Saara. O seu clima é tropical seco, por isso, é um país preñado de secura, visto que a chuva é muito escassa, nos três meses da sua visita, ela vem de forma irregular e de modo insuficiente. Não possui recursos naturais. É um país de agricultores e criadores de gado, onde toda a esperança de uma vida melhor provém do cultivo da terra, de tal forma que o homem das ilhas se encontra ansioso à espera da “gota de água” que cai do céu para fertilizar e abençoar a terra e a sua esperança.

Assim, a simbologia da chuva é apresentada como “resultante da acção e da iniciativa do céu e das divindades que o habitam, a chuva é um símbolo universal de fecundidade e fertilidade. Praticamente em todas as tradições e civilizações agrárias, a chuva é comparada à semente humana como sendo o fluido divino que desencadeia o princípio criador da vida.”<sup>54</sup>

Como se pode observar, a chuva carrega consigo uma carga simbólica muito forte, pois é comparada ao “fluido divino que desencadeia o princípio criador da vida”. Nesta óptica, ela representa o ouro para o povo cabo-verdiano, simbolizando a esperança e a sobrevivência do homem das ribeiras e ladeiras, evidenciado, assim, de modo telúrico na composição *speransa (txuba)*.<sup>55</sup>

Através de *flash back*, esta simbologia é explorada na composição *Speransa (txuba)*, na qual Dias recorda o ambiente rural cabo-verdiano, com saudosismo, especificamente na época das chuvas, onde mesmo sem uma “gota de água,” as pessoas começam a azáfama da sementeira, debaixo de um sol escaldante e em cima do solo seco a perecer de falta de água mas, mesmo assim, o cabo-verdiano, simbolizado pelo compadre, não perde a esperança de uma boa *azagua*, trabalhando, deste modo, com muita esperança e fé, características intrínsecas ao homem das ladeiras e ribeiras dessas íngremes ilhas. Efectivamente, comprova-se nos versos abaixo:

<sup>54</sup> *Chuva (simbologia)*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-03-20]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$chuva-\(simbologia\)>](http://www.infopedia.pt/$chuva-(simbologia)>).

<sup>55</sup> Beto Dias, em entrevista ao autor deste trabalho, afirma: “quando vejo pessoas ansiosas pela chegada do início da *azagua*, Junho e Julho, e começam a semear sem a presença da chuva, é assim que vemos que Cabo-verdiano é um povo com muita esperança. O período de *azagua* é sagrado e constitui um ritual, independente de haver chuva ou não nessa época. Quando aparece uma gota de água surge com ela a alegria do homem do campo e a esperança de um bom ano agrícola. Mesmo estando na Holanda vivo esse ritual com muita expectativa porque fico a pensar como é que as pessoas estão a se sentirem em Cabo Verde com a ausência ou a presença da chuva”.

N ta lenbra nha kunpadri  
 Palmanhan sedu  
 Ku si inxada riba di onbru  
 Pa koba txon pa simentera

Lembro-me do meu compadre  
 De manhã cedo  
 Com a sua enxada ao ombro  
 Para cavar a terra para a sementeira

Fumo fitxadu na ladera  
 Sol kenti na kosta  
 Mas nha kunpadri ka perdi speransa  
 E trabadja ku speransa

A ladeira encoberta pela poeira  
 O Sol quente nas costas  
 Mas o meu compadre não desesperou  
 Trabalhou com esperança

Mesmo com tantas adversidades climáticas, para o cabo-verdiano, a chuva não é nada mais, a não ser a seiva da vida, a parte mais profunda tanto do seu ser como do seu estar no mundo. Por isso, é o meio supremo pelo qual consegue chegar à felicidade, desejada por todos, daí constituir-se no depositário de todo o seu sonho, esperança e fé<sup>56</sup>, ou seja, todo o processo da sementeira, em Cabo Verde, é feito sob forte carga de esperança e fé:

Di palmanhan sedu ti kanbar di sol  
 Dipos di simentera  
 Nha kunpadri finka duedju  
 E djobi pa seu ku fé  
 E pidi Dios na seu  
 Ó Dios! Ó Dios! Ó Dios!  
 Nhu danu txuba!  
 Nhu danu txuba! Ó Dios!  
 Nhu danu txuba!  
 Pa ben modja-nu txon  
 Pa ben kaba-nu ku sekura  
 Ó Dios! nhu da-nu txuba

Do nascer ao pôr-do-sol  
 Depois da sementeira  
 O meu compadre com os joelhos em terra  
 Olhou para o céu com fé  
 Pediu a Deus  
 Oh Deus! Oh Deus! Oh Deus!  
 Dá-nos chuva!  
 Dá-nos chuva! Oh Deus!  
 Dá-nos chuva!  
 Para humedecer o solo  
 Para acabar com a secura  
 Oh Deus! Dá-nos chuva

Deste modo, à volta da chuva e da seca em Cabo Verde, existe, pois, uma mística que faz com que os cabo-verdianos sejam extremamente supersticiosos, levando-os a terem várias práticas cerimoniais no pedido da chuva<sup>57</sup>, como o que acontece nos versos abaixo, onde durante

<sup>56</sup> SPÍNOLA, Daniel. «Sementeira, Chuva e Seca». In: VEIGA, Manuel (coord.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998, pp - 51.

<sup>57</sup> Idem, pp – 52.

uma semana de trabalho na lavoura sem sinal de aguaceiros, o compadre aconselha o outro a praticar alguns ritos com vista a chamar a chuva:

Kunpadri ka nhu insoda sa ta noti	Compadre está a escurece não se distrai
Ó kunpadri ami dja N ten un simana na es branbran li	Oh compadre, já levo uma semana nesta lida
N pidi txuba tudu dia mas nho nen brufa, ago e modi	Pedi chuva todos os dias mas nem um aguaceiro, e agora?
kunpadri ami go sta-m ma	Compadre parece-me que
Si nhu bonbia sima boi – txuba ta ben, ma txuba ta ben	Se imitar o boi – a chuva virá, mas virá mesmo
Nhu rintxa sima kabalu - txuba ta ben, ma txuba ta ben	Se imitar o cavalo - a chuva virá, mas virá mesmo
Nhu sura sima burru - txuba ta ben, ma txuba ta ben	Se imitar o burro - a chuva virá, mas virá mesmo

É que, segundo a crença popular em Cabo Verde, em particular na ilha de Santiago, se o camponês realizar algumas práticas cerimoniais e apelar com força a Deus que lhe dê chuva, as suas preces podem ser ouvidas e, assim, haverá chuva e, conseqüentemente, uma boa colheita. Deste modo, Dias recupera nesta composição alguns rituais de “pidi txuba”<sup>58</sup> do interior de Santiago, demonstrando que quanto mais forte for o chamamento, a esperança e a fé, maior é a probabilidade das suas preces serem atendidas, isto é, “/si nhu bonbia sima boi – txuba ta ben, ma txuba ta bem/ Nhu rintxa sima kabalu - txuba ta ben, ma txuba ta ben/ Nhu sura sima burru - txuba ta ben, ma txuba ta bem/”<sup>59</sup>.

### 3.1.3 *Sodadi* – O sentimento saudade

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, saudade é um “sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável”.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> Pedir chuva.

<sup>59</sup> /Se imitar o boi – a chuva virá, mas virá mesmo/ Se imitar o cavalo - a chuva virá, mas virá mesmo/ Se imitar o burro - a chuva virá, mas virá mesmo//.

<sup>60</sup> HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tomo III. Lisboa: Temas e Debates, 2003, pp – 3268.

Seguindo a mesma linha, Lima considera que saudade é um dos sentimentos que mais liga a alma humana à sua terra-mãe, razão pela qual está intimamente ligada à separação do homem do local onde foi enterrado o seu umbigo<sup>61</sup>.

O sentimento saudade não é um elemento específico do cabo-verdiano, mas ganhou expressão e moldura com o tempo, devido às características sociais do povo e as vicissitudes geográficas e migratórias das ilhas. Deste modo, para Spencer “o caboverdeano não é mais sentimental que qualquer outro”.<sup>62</sup> Contudo, adverte que “se na sua música canta a saudade é que a isso leva um conjunto de circunstâncias,” como “a pobreza do meio que o obriga apenas a desejar aquilo que a maioria possui; a curiosidade de conhecer um mundo onde advinha uma vida melhor.”<sup>63</sup>

Por outro lado, quando se constata que as novidades e as diferenças, embora melhor do que tivesse, não têm significado para os seus hábitos, visto que “há algo que se quebra dentro dele,” porquanto “a alma fica preso às coisas que formavam o seu ambiente.”<sup>64</sup> Por este ângulo a letra musical *sodadi*<sup>65</sup> elucida o que foi exposto supra, onde por meio de lembranças/memórias, Dias expressa e exterioriza este “sentimento profundo da alma caboverdeana,”<sup>66</sup> ou seja, expressa a saudade das coisas mais simples, porém representativo da sua vivência, como os moços e as moças, as brincadeiras nas ribeiras e encostas e a sua infância:

Lenbra-m mosos di nha kutelu

Da-m sodadi

Lenbra-m mosas di nha rubera

Da-m sodadi tanbê

Lembrar-me dos moços da minha encosta

Traz-me saudades,

Lembrar-me das moças da minha ribeira,

Traz-me saudades também

Mamai avizaba mi, di nha simplisidadi

Mamai ta flaba mi – di ingratidon di mundu

A minha mãe avisou-me – sobre a minha simplicidade

A minha mãe falou-me – sobre a ingratidão do mundo

N lenbra kel bez ki nu ta brinkaba

Na rubera trabesa kutelu

Lembro-me de quando brincávamos

Na ribeira, atravessando a encosta

<sup>61</sup> LIMA, António Germano. *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2002, pp – 228.

<sup>62</sup> SPENCER, Maria Helena. «Saudade». *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Ano VI, Nº 70, Junho 1955, pp – 5.

<sup>63</sup> Idem, pp - 5

<sup>64</sup> Ibidem.

<sup>65</sup> Saudade.

<sup>66</sup> LIMA, António Germano. 2002, Op. cit., pp - 228.

Lenbra kel bez ki nu ta brinkaba, na rubera  
 Nha infânsia foi un aventura  
 Bunitu pa lenbra – duedu pa konta  
 Duedu, duedu pa konta  
 Kantu N dispidi di nha gentis

Lembro-me de quando brincávamos na ribeira  
 A minha infância foi uma aventura  
 Bonita de se lembrar – triste de se contar  
 Triste, triste de se contar  
 Quando me despedi da minha gente

Assim, quando se observa que nada de melhor lhe espera fora do seu espaço natural e que a vida é sempre a mesma em todas as latitudes, visto que é o reflexo dele próprio e a sua verdadeira personalidade fica presa à terra onde nasceu, cresceu e criou hábitos que já não se pode perder, daí o desejo de regressar que leva o cabo-verdiano a voltar ou a querer voltar à terra pobre que deixou em busca de um sonho; daí essa saudade que talvez os outros povos não sintam tão vivamente como o cabo-verdiano: a vontade de regressar ao seu ambiente e à sua terra-mãe<sup>67</sup>. Com efeito, passando a impressão de que quer comunicar com a terra, ele evoca vários espaços de referência (Sidadi Velha, Sidadi Praia, Vila Tarafal, Rubera da Barka...), manifestando o seu desejo de regresso e justifica com melancolia a impossibilidade de o concretizar devido às dificuldades existentes no país de acolhimento. E, para o seu conforto, demonstra com veemência a esperança de querer retornar à sua origem que a sua existência clama com vontade “alê N ta bai”.

Mi dja N kre bai – mas kabu sta mariadu  
 Vila Somada, vila Tarafal  
 Uuh alê N ta bai  
 Portu Santiago, portu Rubera Barka  
 Mi dja N kre bai – mas kabu sta mariadu  
 Sidadi Velha ó! Sidadi Praia,  
 Alê N ta bai, u-ó ó alê N ta bai  
 Mas kabu sta mariadu

Quero regressar – mas está difícil  
 Vila Assomada, vila Tarrafal  
 (Uuh) estou a caminho  
 Porto Santiago, Porto Ribeira da Barca  
 Quero regressar – mas está difícil  
 Cidade Velha, Cidade da Praia  
 (Uuh) estou a caminho  
 Mas está difícil

A composição *Sodadi* exprime o dilema vivido pelo cabo-verdiano na diáspora que vive num lugar que lhe oferece todas as condições que não pode obter na sua terra. O sossego, a tranquilidade que o país natal oferece, a amabilidade da família, o aconchego da terra, mesmo sendo pobre, a ligação ao cordão umbilical e a referência às raízes encontram-se, porém, em

<sup>67</sup> SPENCER, Maria Helena. 1955, Op. cit., pp – 6.

Cabo Verde. É onde ele se sente seguro e de quem se sente filho e dono ao mesmo tempo. Cabo Verde é o torrão natal que abre os braços para receber o filho que depois de tanto sonhar e trabalhar regressa à casa, porque por mais sucesso que ele tenha conseguido no país de acolhimento, ele vê-se e é visto sempre como um estrangeiro.

Enfim, mesmo com toda a pobreza da terra-mãe, onde se encontra enterrado o seu umbigo, o cabo-verdiano sente vontade de retornar ao meio matricial da sua existência que ele recorda, de longe, por meio da saudade, que é um sentimento que enterra a alma humana à terra-mãe, onde o seu cordão umbilical a fertiliza, transformando-se no seu húmus.

### **3.1.4 Mamai – Papel da Mãe Crioula na sociedade cabo-verdiana**

A família é a instituição primordial de socialização e de suporte material e afectivo dos seus membros, por isso, é um elemento estruturante e estabilizador da sociedade, visto que o seu funcionamento reflecte de forma indelével na mesma.

Em Cabo Verde, cerca de 67,5% de famílias monoparentais são chefiadas por mulheres, por isso, há uma predominância de agregados monoparentais, assim como uma tendência para o aumento dos agregados chefiados por mulheres, que representam aproximadamente 45% dos agregados familiares.<sup>68</sup> Geralmente este é associado à negação da chefia masculina, seja pela ausência do parceiro no domicílio, seja pela condição de viúvas, mães solteiras, ou separadas.

Deste modo, nas famílias chefiadas por mulheres, elas são geralmente, o único recurso disponível para a sobrevivência do agregado familiar, sendo evidente um elevado e crescente grau de não assunção por parte dos homens das responsabilidades paternas e familiares.<sup>69</sup>

Segundo o Plano Nacional para a Igualdade e a Equidade de Género, nessas famílias, a figura da mãe é o único recurso disponível para a continuidade da unidade familiar, não só do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista educativo e afectivo. Assim, é evidente que ela assume todas as responsabilidades da sobrevivência familiar, e o peso exclusivo da

---

<sup>68</sup>INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, INSTITUTO CABO-VERDIANO PARA IGUALDADE E EQUIDADE DO GÉNERO E ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS/CABO VERDE. *Mulheres e Homens em Cabo Verde: factos e números 2008*. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2009, pp – 25.

<sup>69</sup> INSTITUTO CABO-VERDIANO PARA IGUALDADE E EQUIDADE DO GÉNERO. *Plano Nacional para a Igualdade e a Equidade de Género: Relatório de Avaliação e actualização 2008*. Praia, 2008.

manutenção dos laços de família, pelo que ficam expostas a uma sobrecarga de tarefas, e a uma sobrecarga emocional.<sup>70</sup>

Por tudo o que representa a mulher chefe de família para o seu agregado e para a sociedade, Dias homenageia<sup>71</sup> a Mãe cabo-verdiana na composição *Mamai*. Ele declara: “*Mamai* não só é dedicado à minha mãe e a minha avó materna como também dedico-a a todas as mães de Cabo Verde.”<sup>72</sup>

Assim, a composição *Mamai* é retrato de um filho que escreve esta letra, em homenagem à mãe, exprimindo todo o seu reconhecimento por tudo o que ela lhe ensinou. Beto Dias demonstra que, se há algo que não correu da forma como a mãe queria, a culpa não lhe deve ser atribuída,<sup>73</sup> visto que ela não cometeu nenhum erro, mas foi por culpa do filho, sem querer. Deste modo, pede-lhe perdão e iliba-a de toda as possíveis falhas. Observa-se a composição *Mamai*:

Mamai perdua-m si oxi N ka ser	Mãe perdoa-me, se não sou hoje
Kel fidju ki bu speraba di mi	O filho que esperavas que fosse
Mamai perdua-m	Mãe perdoa-me
Mamai perdua-m si oxi N ka ser	Mãe perdoa-me, se não sou hoje
Kel fidju ki bu speraba di mi	O filho que esperavas que fosse
Mamai perdua-m, ka foi nha intenson	Mãe perdoa-me, foi sem querer
Ka bu pergunta-m kuze ki bu fasi mariadu,	Não me perguntas que mal fizeste,
Uo Mamai abo nada mal bu ka fasi Uoh	Mãe não fizeste nada de mal
Mamai ka bu pergunta ningen, ó nau, nau	Mãe não perguntas a ninguém, oh não, não
Mamai nau, ó nau	Mãe não, oh não

Com o início da emigração para o estrangeiro, geralmente os homens emigravam e as mulheres ficavam em casa a cuidar da família, garantindo assim a unidade da mesma. Elas, por

<sup>70</sup> Ibidem.

<sup>71</sup> Em geral, na nossa sociedade, qualquer problema que surge numa determinada relação entre um casal, culpabiliza-se, na maioria das vezes, a mulher. Isso é algo que me preocupa porque não é normal que ela seja sempre culpada de todos os males e, por isso, procuro valorizar a mulher cabo-verdiana. (Beto Dias, em entrevista ao autor deste estudo)

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.

<sup>73</sup> Há muitas músicas cabo-verdiana, com uma fase especial do Manuel d Novas, em que a mulher é satirizada e aponta-se-lhe o dedo. Principalmente na *coladeira*.

causa da emigração, transformavam-se em chefes de famílias, realizando os maiores sacrifícios e esforçando-se de forma heróica para garantir a vida dos filhos, sem descurar o lado afectivo, transmitindo os valores e a dignidade sociais.

Dirivadu a situason ate tarefa

Di nos pai bu kumpri, ki na altura staba longi di nos

Ta luta pa nos, mamai abo bu da bu juventudi pa nos

Mamai abo – bu inxina-nu konxi – valor y dignidadi

Ten ruspetu pa tudu ser

Bu inxina-nu apresia, nos valor y dignidadi

Ten ruspetu pa tudu ser umanu

Es nha vida mamai e mi ki kré vive-l asin, ó mai...

Es nha vida mamai e mi ki skodji vive-l asin

assim

Por causa da situação, até a tarefa

Do nosso pai tu cumpriste, ele que estava longe de nós,

A lutar por nós, Mãe sacrificaste a juventude por nós

Mãe ensinaste-nos a conhecer o valor e a dignidade

A ter respeito por todos os seres

Ensinaste-nos a apreciar o nosso valor e a nossa dignidade

A respeitar todos os seres humanos

Esta é minha vida Mãe, sou eu quem a quer viver assim,

Esta é minha vida Mãe, fui eu quem escolheu vivê-la

Com isso, Dias realça a sua gratidão à dona da sua existência, reiterando tudo aquilo que foi escrito, destacando de modo efectivo a importância da mãe crioula para a instituição da família. Por causa do papel heróico que ela desempenha é quase um imperativo esta singela homenagem, pois, devido ao seu papel na sociedade e na vida dos seus filhos, não há nada que lhe compense:

Ó mamai perdua-m sin ka ser kel fidju

Ki bu speraba, di mi ó! Ó! mamai, mamai

Ami nte N txeu konsiderason, y admirason

Pa tudu u ki bu ta fasi pa nos ki té inda

Ka ten dinheru ki ta konpensa

Pa tudu ki bu ta fasi pa nos

Ka ten dinheru pa pagabu mamai

Ka ten dinheru ki ta konpensa

Oh Mãe! Perdoa-me se não sou o filho

Que esperavas que fosse, oh! Oh! Mãe, Mãe

Tenho muita consideração e admiração

Por tudo o que fizeste por nós, e até agora

Não há dinheiro que compense

Tudo o que fizeste por nós

Não há dinheiro que te pague Mãe

Não há dinheiro que te compense

Nesta composição, realça-se a relevância da mulher, em especial, a cabo-verdiana tanto no desenvolvimento da sociedade como no funcionamento da instituição família, visto que *Mamai* desempenha função relevante na transmissão de valores morais e afectivos. Diga-se que é um tributo à mãe que prescindiu da sua juventude para cumprir com dignidade os papéis do pai e da



mãe, concomitantemente (como a maioria das mulheres cabo-verdianas), transmitindo-lhe os valores como o respeito pelo outro, a dignidade. Na verdade, a letra desta composição é considerada uma perfeita e singela exaltação à mãe crioula, por aquilo que simboliza na sociedade cabo-verdiana.

### 3.1.5 *Euroverdiana*<sup>74</sup> - O sentimentos dos filhos dos emigrantes cabo-verdianos

Beto Dias aborda questões sensíveis da sociedade cabo-verdiana, como a questão da emigração, muito tratada pelos homens das letras. Entre diversos outros, destacam-se José Lopes, Baltasar Lopes, Eugénio Tavares. Contudo, a emigração abordada por Dias é específica à actual conjuntura social cabo-verdiana na diáspora. Deste modo, refere-se especificamente à segunda geração de emigrantes, ou filhos dos emigrantes da primeira geração.

Relativamente a este assunto, tanto Carvalho como Lopes Filho questionam a expressão “segunda geração”.<sup>75</sup> Esta expressão, por um lado, na perspectiva de Carvalho, “remete-os (filhos dos emigrantes) automaticamente para a categoria de emigrantes, quando não podem ser considerados como tal, por terem nascido no país de destino dos pais”.<sup>76</sup> Por isso, e ainda segundo o mesmo, “vários autores recorrem à expressão *filhos de emigrantes* ou *descendentes*, para se referirem a esses indivíduos.”<sup>77</sup>

Por seu lado, Lopes Filho defende que “os filhos dos cabo-verdianos emigrantes não podem ser considerados emigrantes na verdadeira acepção da palavra, acrescido do facto de grande parte nem conhecer o país de origem dos pais”<sup>78</sup>. Assim, o mesmo autor realça que “estes jovens balançam entre duas culturas”, ou seja, “não são cabo-verdianos nem nunca foram a Cabo Verde, não são portugueses porque a sua língua é outra e os costumes de Portugal não são os das respectivas famílias.”<sup>79</sup>

<sup>74</sup> Euroverdiana – constitui um mosaico formado pela junção das iniciais do termo **europ**eia e das finais do termo cabo-**verdiana**. É uma criação de Beto Dias.

<sup>75</sup> Aproximadamente na mesma linha de pensamento, um outro contributo para o entendimento desta questão foi dado por Portes, *apud* Carvalho, que “define a segunda geração como sendo constituída por «indivíduos nascidos de pais estrangeiros no país de acolhimento»”. In: Francisco Carvalho (2009), Op. cit.

<sup>76</sup> TRINDADE, Rocha *apud* CARVALHO, Francisco. «Filhos de Imigrantes Caboverdeanos em Portugal: a questão identitária». *Revista Travessias*. Nº 9, 2009 (no prelo).

<sup>77</sup> MARQUES E PORTES citados por CARVALHO, Francisco. 2009, Op. cit.

<sup>78</sup> LOPES FILHO, João. «O Multiculturalismo e a Integração dos Filhos dos Imigrantes Cabo-verdianos». *Revista Científica*. Praia: Cni-UniCV, Nº 2, 2006, pp- 34.

<sup>79</sup> MACHADO *apud* LOPES FILHO, João. 2006, Op. cit.

Beto Dias apresenta, porém, um termo diferente, *euroverdianos*, para designar os indivíduos filhos de emigrantes cabo-verdianos que nasceram na Europa. Com esta designação, ele se aproxima de Carvalho, que assume uma “posição ombreira em que os filhos de emigrantes se encontram, crescendo aparentemente entre a cultura dos pais e da sociedade de acolhimento”.<sup>80</sup>

Dias salienta que apesar de serem *euroverdianos*, “os indivíduos que nasceram fora de Cabo Verde têm muito interesse em cultivar tudo o que é cabo-verdiano e, em especial, a nossa cultura. Eles não conhecem Cabo Verde mais cantam em cabo-verdiano e sobre o cabo-verdiano e as suas vivências”<sup>81</sup>.

Na composição *Euroverdiana*, Dias apela aos cabo-verdianos para receberem com morabeza o “filho de emigração” que nasceu na diáspora e que, mesmo assim, tem Cabo Verde no seu coração. Prova disso, é que veio conhecer Cabo Verde, ilha a ilha, visitar os familiares de que só se tinha ouvido falar pelos pais, viver e sentir a cultura cabo-verdiana, ou seja, veio em “busca de raízes, procurando descobri-las e/ou resgatá-las. Deste modo, embora num país europeu, os jovens nascidos e criados neste espaço sentem-se cabo-verdiano, pois é a cultura dos pais que domina a sua personalidade, visto que essa cultura é bastante representativa no seio familiar. Observa-se o que diz o trecho abaixo:

U ó Kabu Verdi resebi bu fidju  
Ki finalmenti, dja ben ti txiga na bo  
U ó kriolu resebi bu irmon  
Ki finalmenti dja e ben ti txiga na bo

U oh! Cabo Verde recebe o filho  
Que vem ver-te finalmente  
U oh! Crioulo recebe o teu irmão  
Que vem ver-te finalmente

E ben konxe se tera, ilha ilha  
Di norti a sul ku ses segredu y mistérius  
E ben odja famílias, y vivi nos kultura  
ki senpri e tenta vive-l longi di li

Veio conhecer a sua terra, ilha por ilha  
De norte a sul, com os seus segredos e mistérios  
Veio ver os familiares e viver a nossa cultura  
Que tentou sempre viver longe daqui

u o nu faze-l fika avontadi  
pa e xinti, pa e diskubri  
tudu ki Kabu Verdi ten pa oferesi

U oh! Façamos com que fique à-vontade  
Para que possa sentir e descobrir  
Tudo o que Cabo Verde lhe oferece

<sup>80</sup> CARVALHO, Francisco. 2009, Op. cit.

<sup>81</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.

el e nasi longi fidju di imigrason  
mas e ten Kabu Verdi na se kurason  
euroverdiana

euroverdiana, e ten Kabu Verdi na kurason

Filho da emigração nasceu longe  
Mas guarda Cabo Verde no coração  
Euroverdiano

Euroverdiano, guarda Cabo Verde no seu coração

dexa-l mostra me gosta, mentalidadi edukason  
me ta adora tradison di tudu ilha  
el e nasi lonji fidju di imigrason  
mas e ten Kabu Verdi na se kurason  
euroverdiana  
euroverdiana

Deixem-no mostrar que gosta da mentalidade, da educação  
Que é apaixonado pela tradição de todas as ilhas  
Filho da emigração nasceu longe  
Mas guarda Cabo Verde no coração  
Euroverdiano  
Euroverdiano

Nesta composição, Dias frisa que esses descendentes de emigrantes trazem Cabo Verde no coração, a mentalidade do povo e que adoram a tradição de todas as ilhas. Assim, após todo o percurso feito pelo *euroverdiano*, explorar o país, ilha a ilha, com todos os seus segredos e mistérios, vivendo o sócio-cultural *in locu*, descobriu que Cabo Verde é lindo e considera-o “paraíso no meio do mar.”

Kabu Verdi ten tudu, alen di bunitu  
Tudu ta fla ma li e di meu  
Y djan diskubri un paraízu na meu di mar

Cabo Verde tem tudo além da beleza  
Tudo diz que esta terra me pertence  
E já descobri um paraíso no meio do mar

Com a descoberta das ilhas, o “filho de emigração” mostra que veio conhecer a terra dos pais. Por isso, consegue identificar-se com Cabo Verde e declara que tudo aqui lhe é familiar e considera Cabo-verdiano apesar das circunstâncias.

Intendi ma mi N sta li  
N ka ben izibi, kuza ki traze-m pa li  
E ben konxe terra di nha Mai  
Kabu Verdi ten tudu, alen di bunitu  
Tudu ta fla ma ali e di meu  
Euroverdiana, edukason, mentalidadi

Entende que estou aqui  
Não para me exhibir, o que me trouxe aqui  
Foi vir conhecer a terra da minha Mãe  
Cabo Verde tem tudo além da beleza  
Tudo diz que esta terra me pertence  
Euroverdiano, educação, mentalidade

Com efeito, a mensagem veiculada nesta composição, denominada *euroverdiana*, traz à reflexão da sociedade cabo-verdiana a questão dos filhos dos cabo-verdianos que nascem na diáspora. Por um lado, envolto de regozijo, é o caso de filhos de emigrantes cabo-verdianos que, por um motivo ou outro, conseguem feitos grandiosos e são considerados cabo-verdianos. De entre possíveis exemplos apresentam-se alguns indivíduos que nasceram na diáspora, mas que representam a cultura e a bandeira cabo-verdianas, como Maria de Barros, Lura e outros indivíduos que representam a selecção cabo-verdiana de futebol e basquetebol. A título de exemplo, vejam-se os casos de Maria de Barros que, mesmo tendo nascida na diáspora, por ocasião da comemoração do dia da mulher cabo-verdiana, afirma: “eu sinto-me cem por cento mulher cabo-verdiana;”<sup>82</sup> no mesmo prisma, Lura que sendo “filha de emigrantes”, neste caso *euroverdiana*, procura a ligação às suas raízes: “Lura, jovem cantora, filha de imigrantes cabo-verdianos, nascida em Lisboa, refere-se ao seu último disco (*N Ben di Fora*), explicando que a intenção «é sobretudo para reivindicar a minha origem. Estou aqui mas vim de lá, do interior de Cabo Verde».”<sup>83</sup>

Entretanto, para além dos casos dos bem-sucedidos referenciados no parágrafo supra, essa problemática ganha ainda mais interesse quando se trata de pessoas que cometeram actos ilícitos no país de nascença e que são enviados para Cabo Verde, muitas vezes, com consequências psicossociais e culturais nefastas, visto que aparecerem no país de origem dos pais completamente alienadas por estarem num meio em que se sentem fora dos seus habitats naturais.

### 3.2. Características do estilo de Beto Dias

Segundo Harry Shaw, o estilo é o “modo característico de construção e de expressão na linguagem escrita e oral”. Ainda de acordo com o mesmo autor “a maioria dos críticos está de acordo em que «aquilo que alguém diz», «a maneira como diz» são elementos básicos do estilo”. Daí que se pode considerar “o estilo como sendo a marca da personalidade do escritor na matéria por ele versada”.<sup>84</sup>

<sup>82</sup> Televisão de Cabo Verde: Jornal da Noite, dia 26 de Março de 2009.

<sup>83</sup> PACHECO, Nuno *apud* CARVALHO, Francisco. 2009, Op. cit.

<sup>84</sup> SHAW, Harry. *Dicionário de Termos Literários*. 2ª ed.. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, pp – 187, 188.

Deste modo, constata-se que Dias possui um estilo peculiar que lhe é característico, na medida em que nas suas letras musicais utiliza um estilo próprio, como frases curtas, normalmente com ausência de pontuação, factor que não perturba, porém, a compreensão das mensagens.

Com efeito, as frases são curtas mas têm sequência nos versos subsequentes, ou seja, numa estrofe, os versos encontram-se interligados e, conseqüentemente, as estrofes e as diferentes partes das composições reflectem a coerência e a coesão entre as mesmas, facilitando o entendimento e a assimilação das mensagens transmitidas nas suas letras musicais.

Na verdade, a coesão e a coerência presentes nas composições musicais de Dias também é fruto de um trabalho de palavras por parte do autor, organizando as partes numa ordem coerente e significativa, com vocabulário simples e sequência lógica das ideias que dão vida ao conteúdo das composições como um todo.

Na sua obra musical, ele selecciona as palavras e as expressões simples, “/di palmanhan sedu ti kanbar di sol/ dipos di simentera/ nha kunpadri finka duedju//”,<sup>85</sup> os ditados populares, “/si e pa mas pior di ki keli/ nhu dexanu ku keli/ anos nu sta konfortadu/ku kel poku ki nu teni//”,<sup>86</sup> que se encontram presentes no quotidiano do povo de Cabo Verde, dando-lhes formas, sentidos e vida nos seus dizeres, nas suas expressões, e na sua musicalidade, transformando, deste modo, essas palavras simples do dia-a-dia num todo coerente e orgânico, que ganha força e significado próprios nas composições musicais de Beto Dias que formam a sua obra discográfica.

A singularidade e a originalidade das composições musicais de Dias não reside apenas nas características apresentadas nos parágrafos precedentes, mas também no modo como ele aproveita e aborda as vivências, a forma de expressão, os dizeres e os rituais singelos do quotidiano das ilhas para recriar e dar vida às suas composições. A título de exemplo, na composição *Sin Sabeba*,<sup>87</sup> Dias retoma a fala dos mais velhos, demonstrando respeito por eles e por aquilo que representam como valores sociais, quando diz: /gentis grandi senpri ta fla/ ma nos nu ka spertu kontra nos distinu//.<sup>88</sup>

Estas características tornam o estilo de Dias singular na composição de letras musicais. Deste modo, as características referenciadas são corroboradas por Carlos Sousa que afirma:

<sup>85</sup> /Do nascer ao pôr-do-sol/depois da sementeira/o meu compadre com os joelhos em terra//.

<sup>86</sup> /Se é para ficarmos pior do que estamos/ deixa-nos na mesma/estamos confortados/ com o pouco que temos//.

<sup>87</sup> Se eu soubesse.

<sup>88</sup> /Os mais velhos sempre disseram/ que nós não somos espertos contra o nosso destino//.

“Dias consegue fazer uma fotografia musical de todas as ilhas de Cabo Verde, através de linguagem simples, mas não simplista, daí a eternização das suas composições. Elas são simples, do quotidiano das ilhas mas não são simplórias porque não são ditas todos os dias.”<sup>89</sup>

Esta forma de trabalhar a simplicidade do dia-a-dia de Cabo Verde, de modo coerente e de forma interligada e linear, formando um todo com sentido através de factos simples do dia-a-dia, faz com que as suas composições musicais encerrem uma riqueza sócio-cultural a ser preservada. Com efeito, estas composições perduram nos ouvidos dos cabo-verdianos, porque apesar de Dias recuperar assuntos e temas para as suas composições junto ao povo que guarda o húmus da cultura do arquipélago através de palavras, expressões, dizeres e motivos, do quotidiano das ilhas, estas expressões não são ditas todos os dias. Muitas vezes só se ouvem nas suas letras porque ele retoma a realidade sócio-cultural, por meio de um conjunto de palavras simples que formam versos, estrofes e composições que transmitem mensagens sobre o *modus vivendi* de Cabo Verde, qualificando, assim, as suas composições como um todo orgânico e representativo de uma sequência lógica. Desta forma, o seu estilo revela-se como natural consequência e expressão da visão do mundo de Beto Dias.

### 3.3 A língua cabo-verdiana como expressão da cabo-verdianidade nas composições de Beto Dias.

*Quando deixarmos de pensar em cabo-verdiano,  
amar em cabo-verdiano, sofrer em cabo-verdiano  
e morrer em cabo-verdiano;  
então sim deixaremos de ser cabo-verdianos*<sup>90</sup>

Virgílio Rodrigues Brandão

Esta citação demonstra que a língua cabo-verdiana é o suporte básico da cabo-verdianidade, aliás, como qualquer língua do mundo em relação à sua respectiva sociedade e

<sup>89</sup> Carlos SOUSA, nome artístico Princesito, compositor e intérprete do batuco. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, 19 de Março de 2009.

<sup>90</sup> BRANDÃO, Virgílio Rodrigues. *A Identidade Nacional e a Identidade cabo-verdiana Diasporizada*. Disponível em <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=64&id=19435&idSeccao=527&Action=noticia>>. Acesso em: 31 de Março de 2009.

cultura. Ela é a expressão máxima da identidade do povo das ilhas e, por conseguinte, é o veículo de expressão de todas as manifestações sócio-culturais do arquipélago.

Cabo Verde é um país onde coabitam duas línguas, mas com estatutos diferentes: o português, ao nível da escrita, e o cabo-verdiano no tocante à oralidade, basicamente. Aquela tem estatuto de língua segunda e oficial, enquanto esta é a língua materna e social de todos os cabo-verdianos, quer no país, quer na diáspora.

Com efeito, a língua define-se como “(...) um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age.”<sup>91</sup> Transportando esta teoria para a língua cabo-verdiana, quer isto dizer que expressa a consciência colectiva da alma do povo que a fala e a visão do mesmo e daquilo que o rodeia, ou melhor, “a língua mais do que dizer o que somos revela-nos como povo e como nação”<sup>92</sup>. Assim, o quotidiano do cabo-verdiano é perpetuado ao longo de séculos pela sua língua materna que é o espelho da identidade crioula e factor primeiro da carismática cabo-verdianidade.

Nesta óptica, é através da língua materna que o cabo-verdiano concretiza a sua cultura, exterioriza a sua vivência, o seu *modus vivendi*, isto é, é ela que une todos os filhos deste arquipélago,<sup>93</sup> evidenciando-se como singular elo de ligação e de identidade. Quer isto dizer que sem a sua língua, a identidade do povo cabo-verdiano, a cabo-verdianidade, perece, isto é, a identidade do povo das ilhas extingue-se sem a sua língua materna, pois ela é a sua manifestação mais visível. Para além de ser um factor primeiro da cabo-verdianidade, a língua também é o veículo e o meio de expressar todas as outras manifestações da identidade crioula.

Neste sentido, Manuel Veiga sustenta:

Se há algo que melhor exprime a essência e os contornos da *cabo-verdianidade*, que é a marca e suporte insubstituível da identidade (...), que de uma forma abrangente fundamenta e consolida os ideais da nacionalidade, é a língua cabo-verdiana. A língua cabo-verdiana moldou e molda de tal maneira a (...) vivência e cosmovisão que, se de repente, ela deixasse de existir a nossa sociedade, na

<sup>91</sup> CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15ª ed.. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999, pp – 1.

<sup>92</sup> BRANDÃO, Op. cit.

<sup>93</sup> Apesar de as variações dialectais que existam entre as diversas ilhas, os cabo-verdianos, em geral, entendem-se em crioulo, seja qual for a ilha de que seja oriundo o falante ou o seu interlocutor.

sua grande maioria, ficaria transformada num caos; a (...) identidade ficaria, assim, comprometida e a unidade nacional, forçosamente, seria quebrada<sup>94</sup>.

Por seu turno, Duarte salienta que “(...) os cabo-verdianos são unânimes em reconhecer que só a língua materna lhes permite exprimir a sua autenticidade cultural”<sup>95</sup>.

É nesta senda que a obra musical de Beto Dias se apresenta como um corpo documental, centrando-se na expressão de sentimentos e abordando temáticas diferentes de outros documentos. Com efeito, trata-se de uma documentação que reflecte o sócio-cultural, com grande potencial para a revelação do quotidiano, através da sua língua materna. A língua, como matéria-prima desse registo, torna-se um elemento de unificação. A língua, como elemento unificador, como espelho de uma cultura, deve exercer um papel inclusivo, de modo que a cultura por ela reflectida e representada possa registar todas as nuances da nação a que pertence. Por essa razão, não se deve descurar a forma como Dias expressa a cabo-verdianidade, com os seus traços caracterizadores, exprimindo o quotidiano do povo das ilhas, com todas as suas vicissitudes, por meio da língua cabo-verdiana que é o garante da identidade cultural.

Enfim, o que se escreveu sobre o assunto é sustentado pelas palavras de Beto Dias que explica o motivo da sua escrita na língua cabo-verdiana: “tenho conhecimento de outras línguas, como o holandês, o inglês mas utilizo a língua cabo-verdiana como instrumento da minha escrita, visto que eu componho para os cabo-verdianos.” Realça ainda:

Procuro escrever na língua cabo-verdiana para que todo o crioulo entenda. Não componho só para as pessoas de Santiago mas para todos os cabo-verdianos. Quero que toda a gente entenda a minha mensagem. Eu gosto do meu crioulo, por isso, escrevo em cabo-verdiano e para os cabo-verdianos porque só assim consigo exprimir o que sinto, a minha alma crioula, sem qualquer dúvida.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> VEIGA, Manuel apud LOPES FILHO, João. *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2003, pp – 56.

<sup>95</sup> DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. 2ª ed.. Mindelo: Spleen-Edições, 2003, pp – 24.

<sup>96</sup> Entrevista concedida por Beto Dias, compositor, intérprete e guitarrista, ao autor deste estudo, na Praia, a 08 de Janeiro de 2009.



### **3.4 Depoimentos de cabo-verdianos sobre a expressão da cabo-verdianidade nas composições musicais de Beto Dias**

Esta parte é reservada a testemunhos de cidadãos cabo-verdianos relativo ao tema em estudo. Entretanto, procura-se trazer depoimentos de pessoas de diversos quadrantes sociais, com uma amostra mínima de seis pessoas, devido ao carácter monográfico deste trabalho e a indisponibilidade das pessoas em participar no mesmo.

Efectivamente, se, por um lado, o compositor reproduz representações que circulam no quotidiano, essencialmente elementos de experiência social vivida, por outro, o seu público pode, ou assumir o papel, as ideias e os sentimentos expressos pelo compositor, ou então rejeitá-los.

#### **3.4.1 Adalberto Higinio Tavares Silva**

Para Silva, a faceta de compositor de Beto Dias é valorizado, na medida em que ele é um músico muito apreciado, sobretudo pela camada jovem. Explicita que, pelo pouco que ele ouve da sua música, considera que a sua música é diferente em relação ao género tradicional que se cultiva. Assim, considera que é uma música nova que os cabo-verdianos na comunidade lá fora têm trazido e com as suas participações enriquecem a música de Cabo Verde. Realça ainda que o aprecia sobretudo como um bom cantor, visto que o acha tecnicamente um bom cantor, embora não faça parte da sua audição musical, mesmo assim, Silva reconhece que é um indivíduo que pode dar muito ainda à cultura de Cabo Verde.

Mesmo assim, Adalberto Silva identifica-se com a música produzida por Beto Dias, na medida em que ela é cabo-verdiana. Mesmo sendo nova música, originado, em grande parte, na comunidade cabo-verdiana lá fora, vem enriquecer a música cabo-verdiana. Na sua perspectiva, é evidente que tem muitas influências das músicas de outras paragens, mas tem que a reconhecer como música cabo-verdiana porque se reconhece nela muita cabo-verdianidade, designadamente no tema, na expressão e, até mesmo, na própria musicalidade que lhe dá um tratamento cabo-verdiano. Deste modo, Silva reafirma que é música cabo-verdiana nova, embora com influências da música estrangeira, mas eles tentam, de forma consciente, trazer coisas novas, não tendo que estar a reproduzir o que os mais antigos fazem, ainda que inspirando um pouco naquilo que

fizeram, mas trazendo influências de outras paragens que enriquecem e que não deixam de ser cabo-verdianas.<sup>97</sup>

### 3.4.2 Maria Salomé Miranda

Para Miranda, Beto Dias é um cantor muito apegado às suas raízes e tradições. Segundo a mesma, apesar de Dias viver na diáspora e de estar em contacto permanente com povos e culturas diferentes que o poderiam ter influenciado, o seu trabalho denuncia um pulsar telúrico, genuinamente cabo-verdiano. Ela defende ainda que se pode dizer, em abono da verdade, que a cabo-verdianidade lhe corre nas veias, abrindo-lhe as portas da inspiração e da criatividade.

Maria Miranda pensa que Dias é um jovem muito sintonizado com o que se passa no país, de Santo Antão à Brava e qualquer pormenor é, por ele, trabalhado melodicamente e vivido intensamente. Ela remata afirmando que Beto Dias encontra na música importante aliada para exprimir os sentimentos mais profundos como a saudade, o amor, a despedida, entre outros. Em suma, para ela, Dias é, sem dúvida, um dos ícones da música cabo-verdiana que merece ser homenageado por todos os que se revêem nas suas músicas.<sup>98</sup>

### 3.4.3 Guilherme Filomeno Rodrigues Pinto Osório

Segundo Osório, Beto Dias escreve e interpreta bem. Não só tem uma voz quente que consegue atingir um grande número de pessoas como também consegue compor músicas que penetram no interior dos cabo-verdianos. Deste modo, consegue retratar a vivência cabo-verdiana, através das suas composições.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> Adalberto Higino Tavares **SILVA**, conhecido por Betú, compositor da música cabo-verdiana, género morna, tocador de viola. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, 16 de Março de 2009.

<sup>98</sup> Maria Salomé **Miranda**, professora na Escola Secundária Abílio Duarte e na Universidade de Cabo Verde, mestranda em Património e Desenvolvimento, Praia, 29 de Maio de 2009.

<sup>99</sup> Guilherme Filomeno Rodrigues Pinto **OSÓRIO**, conhecido no mundo artístico por Menu Pecha, cantor e compositor, principalmente do género funaná. Antigo elemento do grupo musical *Rabelados*. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, 17 de Março de 2009.

### 3.4.4 Carlos Sousa

Sousa identifica-se com as músicas de Beto Dias, sobretudo com os famosos *slows* e *funaná*s. Carlos Sousa defende ter verificado que as melhores composições, dentro do género *funaná*, foram escritas e interpretadas por Dias, como *Sarabudja*, *Nhu Santu Amaru*, *Sukuru*,<sup>100</sup> composições que deixam saudades. Ele constata que, das composições de Dias, o cabo-verdiano ficou muito “ferido”, num bom sentido do termo, com a composição *Mamai*. Daí, pensa que é uma música que atingiu a sensibilidade dos corações cabo-verdianos.

Ele exclama que Dias é um compositor sério pois tem focado temas que têm a ver com o sócio-cultural de Cabo Verde: soube cantar a saudade; soube retratar o ambiente rural, o campo; soube expressar-se como emigrante, rapaz que cresceu longe do seu umbigo. Para ele, Dias deu um grande contributo para a concepção e divulgação do *funaná*. É um dos elementos fundamentais do inesquecível e saudoso grupo *Rabelados*, que imortalizou a festa de Santo Amaro. Composição que realça a existência do Tarrafal e o seu papel no contexto do mundo mas, sobretudo, de Cabo Verde. Realça ainda que Dias está a dar, de forma original, uma grande contribuição para o engrandecimento da cultura de Cabo Verde.

Sousa remata, afirmando que Dias consegue fazer uma fotografia musical de todas as ilhas de Cabo Verde, através de linguagem simples, mas não simplista, daí a eternização das suas composições. Explica ainda que as suas letras são simples, do quotidiano das ilhas, mas não são simplórias porque não são ditas todos os dias.<sup>101</sup>

### 3.4.5 Manuel Veiga

Veiga chama a atenção de que não é um estudioso de Beto Dias, porém acredita que através da sua arte ele se afigura também como um dos criadores do nosso mundo e da nossa singularidade, portanto merecedor de estar na galeria dos criadores da nossa história e da nossa cultura.

---

<sup>100</sup> *Sarabudja*, Santo Amaro, Escuro.

<sup>101</sup> Carlos **SOUSA**, nome artístico Princesito, compositor e intérprete do batuco. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, 19 de Março de 2009.

Com efeito, Veiga explica que se identifica com o seu povo e sendo Beto Dias um filho deste povo, sujeito, criador e contador da história do mesmo, através do ritmo e da melodia, também se identifica com ele e, conseqüentemente, com as suas composições musicais.<sup>102</sup>

### 3.4.6 Daniel Spínola

Spínola pensa que Beto Dias está na linha da cabo-verdianidade, na medida em que não só aborda temas como a saudade, mas também retrata a situação do cabo-verdiano como emigrante que leva na bagagem a sua cultura e a vontade de regresso, de tornar à terra onde se encontra a sua raiz. Ele reforça a ideia precedente, afirmando que, de facto, Dias está nessa linha da cabo-verdianidade, de retratar a situação do povo cabo-verdiano, as relações sociais e humanas e as relações familiares, por exemplo, com os pais e a mãe nomeadamente, e com a terra natal onde nasceu e que reclama por alguma transformação porque ainda há essa visão da terra pobre, seca e necessitada da ajuda dos seus filhos para se transformar para se evoluir.

Em termos musicais, Spínola ressalva que as músicas de Beto Dias, apesar de ter alguma influência da música estrangeira, consegue ser uma música cabo-verdiana genuína, com batidas especiais, com um cunho e estilo próprios, mas que não é uma música totalmente contaminada para ser outra música, por isso, é música cabo-verdiana com estilo de Beto Dias, tanto na forma de execução como na forma de criação e que, evidentemente tem essa influência estrangeira, porém encontra-se presente nela a cabo-verdianidade.

Nesta óptica, Spínola identifica-se com as composições musicais de Dias, na medida em que as suas letras musicais têm muito a ver com a realidade sócio-cultural cabo-verdiana, e considera que estão na linha das músicas cabo-verdianas ditas clássicas. Em termos da música, salienta que há muitas músicas com as quais se identifica, inclusive para dançar. Pensa que são músicas que transmitem não apenas muita alma e muita força, mas também a forma de estar na música do santiaguense e ele como tal sente-se contagiado.

Todavia, Spínola acrescenta que Dias talvez tenha seguido muito a linha de outros géneros musicais como o *zouk*, que não lhe diz grande coisa, apesar de ter uma forma especial de as cantar que não é igual às outras formas actuais de interpretar *zouk* que é “tudo a mesma coisa”.

---

<sup>102</sup> Manuel **VEIGA**, Ministro da Cultura de Cabo Verde, Estudioso da Língua e Cultura Cabo-verdiana. Informações cedidas ao autor do trabalho, através do endereço electrónico, no dia 20 de Abril de 2009.

Explicita ainda que essas formas têm a mesma melodia, o mesmo ritmo, o mesmo som, mas apenas com letras diferentes. Para Spínola, Dias consegue criar e recriar porque está a fazer um trabalho de criação dentro de um determinado tipo de música, o que não acontece com muitos artistas da nova geração. Portanto, reitera a ideia de que se identifica com as músicas que Dias vai buscar à nossa tradição cultural, à nossa raiz.

Nessa linha, Spínola defende que tendo um estilo próprio e utilizando a música cabo-verdiana de forma estilizada, Dias estará a contribuir para a evolução da música cabo-verdiana, no que diz respeito a outros acordes, outras sonoridades que serão, de certeza, enriquecedores da música matricial cabo-verdiana e que podem projectar Cabo Verde lá fora, na medida em que poderão criar maior empatia no seio das comunidades internacionais que têm outra cultura. De qualquer forma, essa música já estará com um pouco dessa outra cultura devido a influência referido anteriormente e, por aí, ele tem contribuído de forma significativa para a evolução e internacionalização da música cabo-verdiana.<sup>103</sup>

Todos os entrevistados identificam-se com as composições musicais de Beto Dias, visto que, como cabo-verdianos assumem os sentimentos expressos nas suas letras musicais que retratam a realidade social e cultural. Desta forma, reconhecem a cabo-verdianidade na sua obra musical, tanto no tema, na expressão com também na musicalidade, com estilos próprios.

Assim, são unânimes em reconhecer que as composições musicais de Dias estão na linha da cabo-verdianidade, na medida em que recriam e/ou recuperam a realidade sócio-cultural do povo cabo-verdiano, abordando temáticas da vivência das ilhas, nas suas múltiplas dimensões, tais como: a saudade, a situação do cabo-verdiano como emigrante, o amor à terra-mãe e aos pais, designadamente a mãe. Enfim, para os entrevistados, Dias consegue recriar a realidade sócio-cultural cabo-verdiana na sua obra musical de modo peculiar que lhe é característico.

---

<sup>103</sup> Daniel **SPÍNOLA**, conhecido por Danny Spínola, poeta, ficcionista, artista plástico. Entrevista cedida ao autor do trabalho, na Praia, 21 de Abril de 2009.

## CONCLUSÃO

O percurso identitário de Beto Dias estriba-se tanto na sua vivência enquanto membro integrante da sociedade cabo-verdiana, como na experiência de uma personalidade que poderá ter sido moldada pelo seu meio de origem, Ribeira da Prata – Tarrafal de Santiago. A sua vivência e a sua ligação ao seu cordão umbilical são aspectos marcantes no seu trajecto de vida que, mesmo vivendo fora do seu habitat natural, Cabo Verde, a partir dos seus catorze anos de idade, a sua infância marcou, de forma indelével, todo o seu percurso identitário, em busca da construção da sua personalidade como homem e como compositor, pertencente a um meio sócio-cultural específico que é Cabo Verde.

Com efeito, Dias desenvolveu grande apego à sua terra-mãe, durante os seus primeiros catorze anos de vida, que se perpetua ao longo da sua vida, devido à sua estreita relação com o seu meio natural em toda a sua extensão e, em especial, com a mãe de quem, diga-se, nunca conseguiu soltar o cordão umbilical. Da afinidade com o feminino cabo-verdiano, poderá ser encontrada, na obra musical de Beto Dias, duas dimensões conexas nas suas essências: afinidade com a mãe, a progenitora que gera a vida, alimentando o seu filho através do cordão umbilical; a afinidade com a terra-mãe que é a criadora de todas as criaturas, que se fertiliza com o umbigo de cada cabo-verdiano. Assim, as duas dimensões poder-se-ão fundir em apenas uma personalidade, representada e sintetizada pela cabo-verdianidade presente nas composições de Beto Dias, quer através da figura da terra-mãe quer através da figura da mãe-progenitora que o liga ao seu húmus.

Neste sentido, os objectivos deste trabalho foram alcançados, pois se observa que Beto Dias trabalha as suas composições no quadro do quotidiano e do *modus vivendi* do povo cabo-verdiano, procurando, assim, realçar os elementos que encerram as características da identidade social e cultural de Cabo Verde. Desta forma, compreenderia a reconstrução da realidade sócio-cultural do arquipélago na obra musical de Dias, onde se pode reconhecer a expressão da cabo-verdianidade, através do modo como ele apresenta os indicadores com que os cabo-verdianos se possam identificar como tal: a Festa Tradicional, com enfoque para a festa de Santo Amaro, na vila do Tarrafal, onde apresenta a forma de se festejar, tanto o dia do município como a festa de romaria, pois na mesma há presença de pessoas de todos os cantos de Cabo Verde e da diáspora

que vivenciam de modo peculiar, quer o lado pagão quer o lado religioso. Com efeito, Dias consegue retratar o ritual da mesma, trabalhando tanto a véspera como o dia da festa em todos os seus contornos; um outro indicador trabalhado por Dias é a esperança da sobrevivência do homem das ribeiras e ladeiras das ilhas, trabalhada na composição *Sperança (Txuba)*, da qual Beto traz uma visão real da vivência no mundo rural cabo-verdiano, recriando todo o ritual da época das chuvas, realçando de modo expressivo a simbologia da chuva para a sobrevivência do homem de Cabo Verde, onde a fé e a esperança clamam pela gota de água que teima em não cair e, conseqüentemente, humedecer o solo; Por meio da saudade, Beto Dias recria a realidade cabo-verdiana, trazendo consigo uma visão fotográfica do grande quadro social e cultural de Cabo Verde, reavivando não só os aspectos mais simples do dia-a-dia, mas também aqueles que fazem com que o cabo-verdiano reivindique os seus sentimentos de pertença nos aspectos telúricos da sua existência enquanto tal; valoriza o papel da mãe cabo-verdiana no quadro da realidade social e cultural das ilhas. Ela como criadora, na verdadeira acepção da palavra, não só gera o seu filho como também suporta nos seus seios todo o desenvolvimento, físico, moral, social, intelectual, afectivo, do mesmo e, na maioria das vezes, carrega consigo a grande responsabilidade de construir uma instituição de valores incontestáveis que a família representa em qualquer sociedade; e, não descuro a emigração cabo-verdiana, em moldes actuais, trazendo à reflexão da sociedade cabo-verdiana, a questão da segunda geração de emigrantes que quer valorizar a cultura da terra que desconhece e que, mesmo assim, se encontra presente na sua vivência enquanto filho de emigrante.

Deste modo, observa-se que Dias trabalha vários quadros do quotidiano das ilhas, destacando em cada um deles elementos caracterizadores da identidade social e cultural de Cabo Verde, por meio da reconstrução da maneira de viver do povo crioulo.

Esta reconstrução e recriação da realidade sócio-cultural cabo-verdiana é feita por meio de um instrumento que encerra nele o factor primeiro da identidade do povo de Cabo Verde, a língua cabo-verdiana. Sendo assim, Dias faz uso do cabo-verdiano para exprimir, na sua obra musical, os elementos caracterizadores da identidade cultural do arquipélago que a cabo-verdianidade encerra.

Em suma, do que fica dito, conclui-se que as questões iniciais foram respondidas através da corroboração das hipóteses formuladas no intróito do trabalho. Na verdade, Beto Dias recupera, na sua obra discográfica, traços que caracterizam a mundivivência cabo-verdiana, realçando,

desta forma, aspectos genuínos do modo de estar, de viver e de sentir o pulsar do dia-a-dia das ilhas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, David Hopffer. *Caboverdianidade e Tropicalismo*. Recife: Editora Massungana, 1992.

ALMADA, José Luís Hopffer C.. «Homogeneidade e Heterogeneidade da Caboverdianidade». *Fragmentos – Revista de Letras, Artes e Cultura*. Nº 11/15, 1997.

ANDRADE, Elisa. «Cabo Verde: Povo, Cultura, Identidade Cultural». *Cultura – Revista de Investigação Cultural e de Pensamento*. Nº1, 1997.

BRANDÃO, Virgílio Rodrigues. *A Identidade Nacional e a Identidade cabo-verdiana Diasporizada*. Disponível em  
<<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=64&id=19435&idSeccao=527&Action=noticia>>.  
Acesso em: 31 de Março de 2009.

BRITO-SEMEDO, Manuel. *A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

CARVALHO, Francisco. «Filhos de Imigrantes Caboverdeanos em Portugal: a questão identitária». *Revista Travessias*. Nº 9, 2009 (no prelo).

*Chuva (simbologia)*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-03-20]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$chuva-\(simbologia\)](http://www.infopedia.pt/$chuva-(simbologia))>.

CIDRA, Rui. «Produzindo a Música de Cabo Verde na Diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas». In: GÓIS, Pedro (org.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Emigração Cabo-verdiana*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15ª ed.. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.

DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia*. 2ª ed.. Mindelo: Spleen-Edições, 2003.

GONÇALVES, Carlos Filipe. *Kab Verd Band*. Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tomo III. Lisboa: Temas e Debates, 2003, pp – 3268.

INSTITUTO CABO-VERDIANO PARA IGUALDADE E EQUIDADE DO GÉNERO. *Plano Nacional para a Igualdade e a Equidade de Género: Relatório de Avaliação e actualização 2008*. Praia, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, INSTITUTO CABO-VERDIANO PARA IGUALDADE E EQUIDADE DO GÉNERO E ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS/CABO VERDE. *Mulheres e Homens em Cabo Verde: factos e números 2008*. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2009.

LIMA, António Germano. *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2002.

\_\_\_\_ «EUGÉNIO TAVARES: contribuição para a investigação histórico-cultural da sociedade cabo-verdiana». *Revista Científica*. Praia: Cni-UniCV, Nº 3/4, 2006.

LOPES FILHO. João, *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2003.

\_\_\_\_ «O Multiculturalismo e a Integração dos Filhos dos Imigrantes Cabo-verdianos». *Revista Científica*. Praia: Cni-UniCV, Nº 2, 2006.

MONTEIRO, César Augusto. «Algumas Dimensões da Expressão Musical Cabo-verdiana na Área Metropolitana de Lisboa». GÓIS, Pedro (org.). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Emigração Cabo-verdiana*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.

SHAW, Harry. *Dicionário de Termos Literários*. 2ª ed.. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

SPÍNOLA, Daniel. «Sementeira, Chuva e Seca». In: VEIGA, Manuel (coord.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998.

SPENCER, Maria Helena. «Saudade». In: *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Ano VI, Nº 70, Junho 1955.

VEIGA, Manuel. «Cabo-verdianidade versus Alteridade». *Fragments – Revista de Letras, Artes e Cultura*. Nº 11/15, 1997.

WARNIER, Jean-Pierre. *A Mundialização da Cultura*. 2ª ed.. Trad. Luís Filipe Sarmiento. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

## LISTA DOS ENTREVISTADOS:

Beto **DIAS**, compositor, intérprete e guitarrista, ex-elemento do grupo musical *Rabelados*, objecto de estudo deste trabalho, Praia, 08 de Janeiro de 2009;

Adalberto Higinio Tavares **SILVA**, conhecido por Betú, compositor da música cabo-verdiana, género morna, tocador de viola, Praia, 16 de Março de 2009;

Maria Salomé **Miranda**, professora na Escola Secundária Abílio Duarte e na Universidade de Cabo Verde, mestranda em Património e Desenvolvimento, Praia, 29 de Maio de 2009;

Guilherme Filomeno Rodrigues Pinto **OSÓRIO**, conhecido no mundo artístico por Menu Pecha, cantor e compositor, principalmente do género funaná. Antigo elemento do grupo musical *Rabelados*; Praia, 17 de Março de 2009;

Carlos **SOUSA**, nome artístico Princesito, compositor e intérprete do batuco, Praia, 19 de Março de 2009;

Manuel **VEIGA**, Ministro da Cultura de Cabo Verde, Estudioso da cultura cabo-verdiana, informações cedidas ao autor do trabalho, através do endereço electrónico, no dia 20 de Abril de 2009;

Daniel **SPÍNOLA**, conhecido por Danny Spínola, poeta, ficcionista, artista plástico, Praia, 21 de Abril de 2009.